

# BOLETIM INFORMATIVO

Província do Rio de Janeiro

Ano LV | Nº 3  
setembro  
outubro  
novembro  
dezembro

2020





# BOLETIM INFORMATIVO DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

---

## PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Setembro | Outubro | Novembro | Dezembro | 2020

• <b>PALAVRA DA VISITADORA</b> .....	03
• <b>PALAVRA DO PADRE DIRETOR</b> .....	06
• <b>FORMAÇÃO PERMANENTE</b>	
- 5ª Campanha da Fraternidade Ecumênica: Construir a unidade através do diálogo amoroso .....	10
- Uma Cultura Vocacional .....	24
- A Vida Fraterna em comunidade se constrói na gratidão .....	26
• <b>A IGREJA</b>	
- XXV Dia Mundial da vida consagrada (02 de fevereiro de 2021) .....	32
- Texto, contexto e pretexto da encíclica Fratelli tutti .....	36
- Fratelli tutti: um guia para a leitura da encíclica do Papa Francisco .....	39
- Carlo Acutis: um santo de calça jeans .....	55
• <b>EM TEMPOS DE ASSEMBLEIA</b> .....	57
• <b>COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS</b>	
- Estágio Apostólico: tempo de valorização da vida de oração, vida fraterna e missão como Filha da Caridade....	69



- Seminário - Tempo de vivenciar a graça de Deus .....	71
• <b>NOTÍCIAS</b>	
- Festa de São Vicente de Paulo .....	73
- Envio em Missão .....	76
- Festa de N. Senhora da Medalha Milagrosa de 2020 .....	77
• <b>NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI</b> .....	80
• <b>SOLIDARIZANDO COM NOSSAS IRMÃS NA DOR</b> .....	92

## PALAVRA DA VISITADORA

*Ir. Maria Cristina D'Abruzzo*



*“Nascerá para nós um pequenino:  
Ele será chamado Deus e forte; nele  
serão abençoados todos os povos da  
terra” (Is 9, 6; Sl 71,17)*

Mais uma vez é Natal!

Festa da vida, da esperança.

Os corações se unem para construir um mundo novo, onde o egoísmo, gerador do ódio e da violência seja vencido pelo amor que gera paz e fraternidade.

Natal é festa da luz! Luz que é o próprio Cristo, o Filho de Deus encarnado, que veio viver e caminhar conosco.

Luz que ilumina todas as pessoas que vindo ao mundo têm uma missão em suas vidas.

Como Filhas da Caridade, somos também chamadas a ser luz na Comunidade em que vivemos e realizamos nossa missão. Uma luz apagada não ilumina e, se não ilumina, não realiza sua missão.

Natal é tempo de olhar para dentro do nosso coração e examinar a qualidade de nossa luz interior. Aquela luz que faz de nós presença significativa, gerando vida no ambiente de nossas Comunidades, lugar onde a Companhia vive e cresce acolhendo os pobres em suas lutas por uma vida mais digna.

Jesus, com sua presença, iluminou o ambiente escuro do estábulo onde nasceu, transformando-o num lugar de paz, de acolhimento, de manifestação das virtudes que São Vicente nos

deixou como marcas próprias de nosso espírito: a humildade, a simplicidade e a caridade.

O dom de si no amor de Deus e no serviço aos pobres é o mais belo presente que poderíamos oferecer no Natal. Entregarmo-nos para o bem dos outros, especialmente para os pobres, faz com que coloquemos de lado nossas buscas pessoais de posição, de segurança, de consumismo, de conforto e nos tornemos mensageiras da Boa Nova.

“Diante dos desafios impostos pela sociedade atual, é preciso estar vigilantes, a fim de se evitar a tentação de ter um olhar mundano, que nos impede de ver a graça de Deus, nos levando a sair à procura de compensações. O melhor remédio contra tal tentação é dar prioridade à oração em meio a todas as nossas atividades e mantermos os nossos olhos fixos em Jesus.” (Papa Francisco)

Este Natal é marcado pela pandemia que atinge o mundo inteiro.

Neste tempo difícil, o nascimento de Jesus nos dá uma lição. Maria, José, os pastores, os magos oferecem a sua fraternidade, a sua amizade para ser acolhido na escuridão o Verbo que se faz carne.

Como comportarmo-nos na crise? Aceitá-la como tempo de graça que nos foi dado para compreender a vontade de Deus sobre cada uma de nós e sobre o mundo inteiro. Podemos dizer como São Paulo aos Coríntios: “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças, mas com a tentação, vos dará os meios de sair dela e a força para suportar” (1Cor 10,13).

Rezemos, queridas Irmãs, não nos cansemos de rezar. Esse diálogo com Deus é fundamental para que tenhamos força e façamos tudo com mais confiança sem nunca perder a esperança.

Façamos a nossa revisão de vida, pensemos na qualidade de nossa presença, de nossas atitudes em nossas comunidades locais, em nossos ambientes de trabalho, no relacionamento com as pessoas, com os nossos colaboradores. Confrontemos a

irradiação de nossa luz interior com a irradiação da luz do Deus Menino.

Ele nos envolverá com sua luz e tudo em nós será transformado. Assim seremos sinais e instrumento de transformação das situações dos que ainda vivem envolvidos e mergulhados nas trevas.

Deixemo-nos iluminar pela luz do Presépio e sejamos uma chama de amor para todos aqueles que o Senhor coloca em nosso caminho.

Feliz Natal e abençoado Ano Novo!

*Ir. Maria Cristina D'Abruzzo, FC*

## PALAVRA DO PADRE DIRETOR

*Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial*

O Tempo da Quaresma é propício para intensificar nossa conversão. A cada ano litúrgico a Igreja nos chama à conversão e se põe em conversão, pois é a “santa Igreja católica” e, ao mesmo tempo, Igreja de pecadores: “Convertei-vos (μετανοείτε, gr./paenitemini, lat.) e crede no Evangelho” (Mc 1, 15).

A palavra escolhida pelo evangelista e proposta na liturgia da Igreja para nos convidar à conversão é *metánoia*, do grego. Ela pode conter pelo menos quatro significados. O *primeiro* deles é o de fazer penitência; o *segundo* é converter-se; o *terceiro*, mudar de mentalidade, e o *quarto*, transcender a razão sem desqualificá-la.

Quanto ao primeiro significado, a palavra *penitência* ou fazer penitência não vem de *poenitentia* (lat.), isto é, penitência no sentido de pena, de fazer algo insuportável e penível. Fazer penitência vem de *paenitentia* (lat.): isto quer dizer que nós não terminamos de nos converter, pois estamos numa caminhada de conversão - pessoal e comunitária - até o ocaso de nossas vidas. Nós não nos convertemos completamente, por isso os quarenta dias da Quaresma são um tempo de graça privilegiado, oferecido a todos(as), para entrar com liberdade na vida da graça do Cristo Ressuscitado. Com confiança, passo a passo, chegaremos à Páscoa do Cristo e nossa Páscoa. Há um esforço que devemos fazer ainda para mudar, para nos convertermos em relação a nós, em relação ao outro, em relação aos pobres e a Deus<sup>1</sup>. E a Quaresma é o *kairos* suficiente para os



<sup>1</sup> ESTATUTO, n° 2.

exercícios de conversão de que necessitamos: é o *tempo favorável*, tempo que está a nosso favor para entrarmos mais profundamente e avançarmos no processo e no itinerário de conversão em vista da santidade possível, à luz da Palavra de Deus e da vivência dos sacramentos, em particular o da Reconciliação. É tempo favorável para nos deixarmos reconciliar com Deus, em Cristo.

O caminho dos mais pobres, às vezes, torna-se um imenso deserto, uma grande quaresma de privações e de sofrimentos, agravado neste último ano pelo impacto e consequências da COVID-19; diante disso, por amor do Cristo, somos movidos a ajudá-los, a ser mais compassivos e misericordiosos com nossos irmãos e irmãs em humanidade. Para São Vicente, a Quaresma, com as penitências que a Igreja nos convida a acolher, é um “caminho de liberdade e um caminho de paz interior” (Conf. de 17 de junho de 1657, às Irmãs). Deixemo-nos conduzir pelo Espírito ao deserto e procuremos entrar nos mesmos sentimentos do Cristo, fazendo-nos *cristiformes*<sup>2</sup> em nossa existência. Com Ele, somos convidados a perceber tudo o que nos impede de ser mais livres<sup>3</sup> em relação a Deus, a nós mesmos, às nossas Comunidades e aos pobres.

Voltemos nossa atenção para as práticas propostas na Quaresma: o jejum, a oração e a esmola. Quanto ao *jejum*, podemos fazer memória de Adão e Eva no Jardim. Deus-Pai os criara livres para comer dos frutos das árvores, exceto o do conhecimento do bem e do mal. Portanto, jejuar pode ser um ato de obediência a Deus-Pai, Criador. Ao nos convidar para jejuar, a Igreja nos oferece um meio para não nos lançarmos sobre o mundo como um fruto a ser consumido, devorado ou explorado, mas a recebê-lo como um dom de Deus Pai. *Jejuar pode nos ajudar a acolher, respeitar e transformar a criação enquanto dom do Pai e fazer crescer em nós a fome de Deus, de beleza, de justiça e de sua Palavra de Vida* (cf. Is 58, 6-7). Jejuar significa oferecer livremente ao Senhor uma privação concreta, discernida com atenção e praticada com discrição, através da qual renovamos nosso desejo de segui-Lo mais de perto, enquanto esperamos pelo Senhor e por seu Reino. E jejuar

<sup>2</sup> S. JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, n.ºs 14 e 19.

<sup>3</sup> Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 2043.

privando-se de uma refeição ou de certos alimentos, é suplicar ao Senhor que nos torne mais livres para servi-Lo, reconhecendo que nosso “alimento é fazer a vontade do Pai” (Jo 4, 34). Só o Senhor é nossa Plenitude (cf. Col 1, 19; 2, 9; Jo 1, 16).

A *oração* na caminhada cristã é essencial para que o coração humano se torne livre para poder se colocar à escuta de Deus. O coração humano tende a orar sempre, pois o Espírito Santo do Ressuscitado, murmura nele a oração. No silêncio, cada pessoa humana pode flagrar seu coração em movimento de oração. O Tempo da Quaresma, atraído pela Páscoa, torna-se especial para avançar no caminho de Cristo pela atenção redobrada à oração pessoal e comunitária e à liturgia: isso pode nos ajudar a retirar do nosso coração toda a tralha que aí acumulamos; temos também a oportunidade de escutá-lo lá onde o Espírito já ora nele, e nos entregar a esta oração até que a Voz do Espírito em nós se torne nossa própria oração, oração transformadora da realidade como a de S. Vicente<sup>4</sup> e a de S. Luísa. *Talvez, o grande esforço de oração, em particular na Quaresma em vista da Páscoa, seja o de ouvir. O que Deus nos diz na oração? Sabemos ouvir, neste tempo de pandemia, o grito dos pobres, dos que sofrem? O que nossos irmãos e/ou Irmãs de Comunidade estão nos dizendo? A Campanha da Fraternidade Ecumênica/2021 também pode nos ajudar bastante nesta caminhada a partir de seu tema: “Fraternidade e diálogo: compromisso de amor”.*

A *esmola* pode nos ajudar a nos libertar do peso das coisas materiais através da partilha efetiva com o próximo, sobretudo com os pobres, de diversas maneiras possíveis. A esmola pode nos ajudar a nos tornar mais livres e generosos, enquanto consagrados(as), para ir aonde o Senhor nos enviar. *A prática da esmola vem nos recordar que nossos bens/projetos são meios para nos fazermos mais solidários e próximos dos outros, especialmente dos pobres e sofredores, sobretudo neste ano de 2021 que enfrentaremos com mais lucidez os desafios da pandemia em escala planetária. Somos*

---

<sup>4</sup> S. Vicente, Partilha de oração de 16 de agosto de 1655 (Colóquio n° 133), XI, 261. Segundo S. Vicente, para que a oração se torne transformadora, devemos nos dizer quanto às resoluções: “Desde hoje, quero começar para valer, e, para isso, proponho-me fazer tal e tal coisa”.

convidados a ficarmos atentos e abertos a essa nova realidade.

Espero que o caminho de Quaresma de cada uma e de cada um na sua Comunidade possa conduzi-lo(a) a viver mais plenamente a Páscoa do Senhor Jesus. Que possamos todos e todas renovar na alegria os compromissos de nosso batismo, dispondo-nos a passar pela morte com o Cristo para viver uma Vida nova n'Ele (cf. Rom 6, 3-4). Que a fé no Cristo Ressuscitado ilumine a profundidade da escuridão, do medo que se enraíza no humano, oferecendo-nos a possibilidade de receber e construir o sentido da vida na esperança e na alegria.

Que S. Vicente e S. Luísa, e todos os santos e bem-aventurados da nossa Família Vicentina, nos ajudem na caminhada rumo à Páscoa do Cristo e Nossa.

*Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm*

## 5ª CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA Construir a unidade através do diálogo amoroso

*Francisco Orofino*

### 1. As Campanhas da Fraternidade

Poucos projetos pastorais da Igreja Católica aqui no Brasil são mais conhecidos do que as Campanhas da Fraternidade. Desde 1964 que esta proposta busca despertar o espírito comunitário e cristão no Povo Santo de Deus, durante a vivência do tempo litúrgico da Quaresma. As Campanhas da Fraternidade querem orientar as pastorais da Igreja, através de temas evangélicos relacionados com a justiça e o amor. Desta forma, são como uma contribuição das comunidades cristãs católicas para a sociedade civil, na busca do bem comum, tendo em vista uma sociedade justa e solidária.



Já por 57 anos, as diferentes CF apresentam, a cada ano, temas relacionados com a vida interior da Igreja Católica e com as preocupações pastorais suscitadas pela realidade social brasileira. Ao longo destes anos, vimos os mais diferentes temas, enfocando as distintas situações existenciais do povo brasileiro, denunciando os pecados sociais e promovendo a justiça, a solidariedade e a paz.

Para congregar as igrejas cristãs no Ano Jubilar de 2000, pela primeira vez foi feita a proposta de uma Campanha da Fraternidade

Ecumênica (CFE). O tema foi “Dignidade Humana e paz - Novo milênio sem exclusão”. A CFE foi uma realização em parceria entre a CNBB e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). Esta experiência se repetiu em 2005 (Solidariedade e paz - Felizes os que promovem a paz); 2010 (Economia e Vida - Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro) e em 2016 (Casa Comum, nossa responsabilidade - Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca). Neste ano de 2021 teremos então a 5ª Campanha da Fraternidade Ecumênica.

Para esta 58ª edição da CF e a 5ª CFE, novamente se estabelece a parceria entre CNBB e CONIC tendo em vista o planejamento, a preparação e dinamização da CFE 2021. Fazem parte do CONIC as seguintes Igrejas Cristãs: a Aliança de Batistas do Brasil (ABB); a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR); a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB); a Igreja Presbiteriana Unida (IPU); a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) e a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia (ISOA). Participam das atividades do CONIC, como igreja observadora, a Igreja Betesda, de São Paulo e, como membro fraterno, o CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Educação Popular).

A Comissão Organizadora, formada pelos representantes das igrejas-membro do CONIC, numa reunião em janeiro de 2020, escolheu o Tema e o Lema da 5ª CFE, bem como deu os encaminhamentos necessários para a escolha do cartaz e do hino e a elaboração do Texto Base da Campanha.

## 2. A Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021

A Comissão escolheu como **Tema** da CFE 2021 “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor”. O **Lema**, tirado da Carta aos Efésios, é “Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2,14a). O **cartaz** escolhido mostra uma grande e diversificada roda com pessoas dançando uma ciranda ou uma roda de samba ou mesmo um baião das comunidades. Esta roda congrega os mais diferentes tipos de pessoas, numa proposta inclusiva, convidando a todos e todas na construção da unidade através da prática do amor.

O **Objetivo Geral** da CFE 2021 é convidar as comunidades de fé e as pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para a superação das polarizações e das violências que marcam o mundo atual, através do diálogo amoroso testemunhando a unidade na diversidade.

Os **Objetivos específicos** são:

- Denunciar as violências contra pessoas, povos e a Criação, em especial as que usam o nome de Jesus;
- Encorajar a justiça para a restauração da dignidade das pessoas, para a superação dos conflitos e para alcançar a reconciliação social;
- Animar o engajamento em ações concretas de amor à pessoa próxima;
- Promover a conversão para a cultura do amor em lugar da cultura do ódio;
- Fortalecer e celebrar a convivência ecumênica e inter-religiosa.

São objetivos que nos desafiam. Nestes últimos anos temos assistido, aqui no Brasil, crescer sempre mais as formas coletivas e organizadas da prática da violência. Episódios de violência intensificaram-se e tornaram-se comuns em nossos grandes centros urbanos, embora possamos constatar esta violência mesmo nas cidades médias e pequenas. Também não podemos esquecer os violentos conflitos rurais que atingem povos originários, quilombolas e camponeses. Vivemos aqui no Brasil uma crise econômica e sócio-política desde 2013. Este quadro se agravou com a COVID 19 impondo isolamento e distanciamento ao longo de todo o ano de 2020. A ausência de políticas públicas eficazes no combate ao coronavírus revelou um governo negacionista que cultiva o ódio, a exclusão e a morte. Estas atitudes, vindas das mais altas autoridades, permitem que pessoas liberem seus sentimentos revelando o racismo, a misoginia e a homofobia.

Diante deste quadro desafiador, onde predominam as polarizações sócio-políticas e econômicas, a Campanha da

Fraternidade Ecumênica aponta o caminho do diálogo. Um amplo diálogo que supere divisões, tensões e preconceitos. Convida as comunidades de fé e as pessoas de boa vontade para uma conversa sobre as situações de vida do povo brasileiro. Uma conversa ampla, sem receios nem ressentimentos, visando construir laços de amizade e de partilha. O Ecumenismo supõe proximidade e confiança mútua. Caso contrário, não haverá o diálogo necessário para encontrarmos caminhos de saída para a grave crise que assola nossa sociedade.

### **3. Meditando o lema da Campanha da Fraternidade Ecumênica**

O **Lema** da 5ª CFE é tirado da Carta aos Efésios: “*Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade*” (Ef 2,14a). Para uma melhor compreensão da mensagem deste Lema, precisamos ler todo o trecho onde ele se insere (Ef 2,14-15):

*Pois ele é a nossa paz.  
De ambos os povos fez um só.  
Derrubou o muro de separação.  
A inimizade, ele a suprimiu na sua carne,  
A lei dos mandamentos expressa em preceitos.  
A partir dos dois criou em si mesmo um só homem novo.  
Fundou a paz.*

Temos aqui nesta passagem um pequeno hino dirigido ao Cristo Salvador. A ação salvadora de Jesus é que nos traz a paz, tendo o sacrifício na cruz derrubado tudo aquilo que separava os “dois povos”, criando uma unidade. Vamos ver esta proposta mais de perto.

A Carta aos Efésios é uma carta circular dirigida aos cristãos da Ásia Menor (atual Turquia), cujo centro era a cidade de Éfeso. É o mesmo ambiente que gerou o evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos. Esta carta circular, num estilo de homilia, é considerada hoje como o primeiro grande tratado cristão sobre a Igreja. Ela é uma grande síntese de toda a mensagem paulina, feita depois da morte do grande apóstolo Paulo. O enfoque da Carta aos

Efésios aponta para o surgimento de uma eclesiologia que busca unificar e solidificar a Igreja, capacitando-a a enfrentar os desafios colocados pelas repressivas políticas imperiais. Nesta proposta eclesiológica, o enfoque maior da mensagem tem por objetivo o reforço das casas e das famílias. Além de ser o espaço maior de identidade de uma pessoa naquela época, a casa da família era também a “Igreja” doméstica, onde os fiéis comungavam a vida e a fé. No entanto, todas estas pequenas igrejas devem se sentir pertencendo a uma entidade que as congrega numa unidade: a Igreja. Mais tarde, nas cartas de Inácio de Antioquia, esta Igreja será definida como “universal” ou “católica”. A Igreja Católica, tal como afirmamos na oração do Credo, é a congregação de todas as igrejas existentes dentro do mundo conhecido, chamado de “Oikumene” (Mt 24,14; Lc 2,1; Ap 3,10).

A Carta aos Efésios tem duas grandes divisões:

1. Uma exposição sobre a Igreja como o novo Israel (Ef 1,1 até 3,21).
2. Uma exortação sobre a vida da Igreja no mundo (Ef 4,1 até 6,24).

Vamos aprofundar apenas a primeira parte (Ef 1,1 até 3,21), porque é nesta divisão que está o Lema da CFE. Nesta primeira parte o tema central é fundamentar a Igreja, cuja cabeça é Cristo. Deus elegeu a Igreja como sucessora da Comunidade judaica. Assim como Israel surgiu no processo de libertação do Êxodo, como um povo que se forma através da libertação da escravidão e da travessia do deserto, assim a Igreja surgiu no processo de êxodo de Jesus Cristo. A antiga *qahal* judaica é agora a *ekklesia* de Cristo. As pessoas que acolhem esta proposta de Deus em Jesus Cristo, entram na Igreja através do batismo (Ef 2). O batismo arrebatava as pessoas do poder das trevas e as coloca em união com o Cristo (Ef 2,1-10). Nasce assim um novo povo de Deus. Da opção baptismal nascem novas criaturas, em uma nova realidade de salvação. Neste novo gênero humano, todas as divisões devem ser superadas. Só então haverá a paz (*shalôm*) que vem de Deus. O apóstolo Paulo se revela o grande instrumento de Deus na construção desta Igreja

que é chamada a reunir, nela mesma, todos os povos, línguas e nações (Ef 3).

Mas para que isso aconteça, a Igreja deve enfrentar e vencer um enorme desafio pastoral: como construir esta unidade superando as divisões existentes entre cristãos vindos do judaísmo com os cristãos vindos do paganismo? São dois povos tão diferentes! Para que haja a paz e a unidade fundadas na mensagem de Jesus Cristo, os “muros de separação” (Ef 2,14b) devem ser derrubados. Para entendermos o lema da CFE deste ano, precisamos aprofundar estes “muros de separação”.

### **O choque cultural entre judeus e pagãos**

O grande trabalho de evangelização feito pela equipe missionária de Paulo levou ao surgimento de inúmeras comunidades cristãs no ambiente urbano do império greco-romano. O Evangelho de Jesus, gradativamente, vai abandonando o ambiente rural da Palestina e entrando no ambiente urbano greco-romano. O ponto de partida dos missionários e missionárias nestas cidades do império eram as sinagogas dos judeus. As sinagogas congregavam não apenas os judeus, mas também os simpatizantes do judaísmo, pagãos que gostavam de escutar e conversar sobre as Escrituras. Com a pregação cristã, estes simpatizantes, chamados de “adoradores” ou “tementes” a Deus, se converteram a Cristo e se afastaram das sinagogas. Entraram nas comunidades onde já se reuniam judeus convertidos. Houve, assim, um grande choque cultural. Havia um “muro” que separava estes pagãos convertidos dos judeus cristãos. Estes se converteram primeiro e se consideravam herdeiros das antigas promessas. Muitos não estavam dispostos a acolher estes pagãos que agora entravam nas comunidades. Havia uma mútua tensão entre estes “dois povos”.

Através do trabalho de Paulo e sua equipe missionária, os cristãos mergulharam a fundo no ambiente urbano daquela época, construído e definido a partir dos valores da cultura grega. Este estilo de vida, chamado de *helenismo*, definia todos os valores

e contravalores do modo de viver e de conviver em sociedade: a economia, a organização social, a política, a visão de mundo, a teologia. As comunidades cristãs sentirão e reagirão a este impacto cultural.

Esta cultura helenista tinha como foco de irradiação a cidade, ou a *pólis*. A vida na *pólis* grega tinha mentalidade, organização e ideais bem diferentes da vida rural na Palestina. Assim como hoje a proposta do capitalismo neoliberal se difunde por mil canais, naquele tempo esta maneira helênica de viver se difundia de muitas maneiras, inclusive dentro das novas comunidades cristãs:

- **por meio do estilo de vida e da organização característica das cidades gregas**, com sua proposta de democracia. O *demos* (povo) reunia só a elite da cidade: os homens livres. Nem mulheres, nem escravos, nem migrantes eram considerados do *demos*. Estas cidades, construídas dentro de uma arquitetura planejada, serviam de ponto de apoio e de privilégios para seus habitantes. Na época de Jesus havia mais de trinta cidades helenísticas na Palestina.

- **por meio do comércio**. Os produtos e moedas greco-romanas estavam presentes em todos os centros comerciais conhecidos, mesmo fora do império. Os produtos eram distribuídos por um eficiente serviço de navegação e de estradas, fazendo da cidade de Roma o destino de todas as mercadorias necessárias para o consumo desta pequena elite [cf. Ap 18].

- **por meio da organização administrativa**, centralizada na *pólis*, dominando as áreas rurais e canalizando a produção agrícola para o sustento da cidade.

- **por meio da cobrança de tributos, taxas, impostos e multas**, que, por vezes, exigiam mais de metade do orçamento das famílias. A cobrança era feita pelos publicanos, sob a proteção de soldados. O povo não tinha defesa.

- **por meio das armas**. A estratégia militar da falange e das legiões levou à construção do maior império visto até então. Estas mesmas armas de conquista serviam para deter qualquer movimento de

libertação por parte dos povos dominados. A truculência militar sustentou o império por mais de quinhentos anos.

- **por meio do conhecimento.** A cultura helenística fundou uma série de escolas, teatros, ginásios, academias, museus, bibliotecas que foram sistematizando e acumulando o saber científico. A filosofia grega era o pensamento que controlava a visão de mundo, definindo a linguagem e os conceitos. A língua grega (*koiné*) tornou-se a língua de unidade e de conhecimento do mundo daquela época.

O impacto da cultura grega chegou a provocar gravíssimas divisões internas dentro do judaísmo e, depois, dentro do cristianismo. Na Palestina, na época de Jesus, a elite sacerdotal e os grandes nobres do povo (saduceus) eram favoráveis à abertura para a cultura grega. Para o povo do mundo rural da Palestina, a helenização era uma agressão insuportável que provocou a guerra dos Macabeus em defesa da identidade e da missão do povo de Deus (1Mc 2,15-28). Agora, com a transferência da mensagem de Jesus do mundo rural para o mundo urbano, maior número de gregos pedia para fazer parte da comunidade cristã. A partir do momento em que gregos, sem noção nenhuma da cultura e das tradições judaicas, começavam a fazer parte do novo povo de Deus, o confronto entre as normas judaicas com a cultura helênica passou para dentro das igrejas. As tradições helênicas, estranhas à cultura judaica, começaram a interferir diretamente no comportamento diário das comunidades e a provocar tensões e problemas para a convivência fraterna. Como vencer estes desafios? Existia uma possibilidade de um diálogo entre mundos tão diferentes?

Um dos maiores problemas trazidos pelo choque cultural foi a questão da alimentação diária. Para os judeus observantes, muitos alimentos eram proibidos devido à questão da pureza legal. Para um judeu era proibido entrar na casa de um pagão (At 10,28), sentar-se à mesa em uma casa considerada impura (Mc 2,16), comer carne com sangue (At 15,20). Para os judeus, a observância destas normas era importante, já que dependia dela a comunhão com

Deus, necessária para receber as bênçãos prometidas a Abraão.

Agora nas comunidades cristãs chegavam os gentios convertidos. Um gentio convertido poderia participar de uma ceia fraterna com os judeus? Poderia sentar-se à mesa com os demais judeu-cristãos? Aqui o problema pastoral não era se um gentio poderia ou não se converter, mas se ele poderia ou não participar da refeição comunitária, da comunhão de mesa. E também, olhando pelo lado do judaísmo, poderiam os judeus, mesmo convertidos a Jesus, conviver com pessoas de outras etnias, mesmo que também acreditassem em Jesus? De fato, havia um “muro” cultural que impedia o surgimento da verdadeira Igreja de Cristo.

O livro dos Atos dos Apóstolos é quem melhor resume a maneira com que as comunidades venceram os desafios do conflito cultural. O livro mostra que as diferentes barreiras culturais foram sendo vencidas, não sem muitas resistências de grupos mais fechados. A Palavra, no seu caminho, rompeu barreiras culturais enormes a partir de uma exigência fundamental: a comunhão de mesa. Ou seja, ou todos conseguem sentar-se ao redor da mesma mesa e participar de uma única refeição ou não existe comunidade cristã. Este acordo, fruto de uma assembleia entre igrejas em conflito, aparece em At 15. Esta narrativa é antecedida pelo que se passa na casa de Cornélio (At 10,1-47). Cornélio é um centurião romano, simpatizante da religião judaica. Pedro simboliza todas as comunidades. Ele acolhe este pagão, não sem antes passar por uma experiência pessoal em que deve vencer os preconceitos antigos, profundamente arraigados na cultura judaica e manifestado na sua maneira de viver a fé observando as normas legais (cf. At 10,11-16). A conversão de Pedro, um judeu que supera os tabus alimentares judaicos, antecipa a conversão de Cornélio, um pagão a serviço do império. Estas duas conversões abrem um grande conflito dentro das igrejas gerando o encontro conhecido como Concílio de Jerusalém (At 15,1-35). Este Concílio é que vai derrubar o “muro” permitindo o surgimento de uma unidade entre povos tão diferentes.

## **A confirmação desta união na Carta aos Efésios**

O que lemos na Carta aos Efésios são as conclusões práticas das decisões tomadas no Concílio de Jerusalém, narradas e explicadas na Carta Conciliar (At 15,23-29). Portanto, um primeiro ponto ressaltado pelo Lema da CFE 2021 é o caminho da sinodalidade, o diálogo necessário para a construção das decisões pastorais. Foi o diálogo entre as posições diferentes que permitiu a superação do “muro de separação”.

De fato, para o autor da carta, os problemas da dualidade dentro da comunidade cristã foram vencidos e superados. Não existe mais a dualidade dos dois povos. Agora, como diz o Lema da CFE, “de ambos os povos fez um só” (Ef 2,14b). Não existem mais os judeu-cristãos nem os pagano-cristãos. A lei mosaica, o grande “muro de separação”, agora não existe mais. Existem agora apenas os cristãos e as cristãs, congregados pelo batismo, numa única e mesma Igreja.

Como aconteceu tal superação das diferenças? Todas as diferenças foram vencidas pelo surgimento do novo Israel, a Igreja de Cristo, já que houve a “reconciliação de ambos os povos em um só corpo” (Ef 2,16). Através do novo Êxodo, simbolizado na cruz de Cristo, a inimizade e as diferenças entre os dois povos desapareceram (cf. Ef 2,16). Não existe mais o antagonismo legal que separava os dois povos, já que o Cristo crucificado “suprimiu na sua carne a Lei dos mandamentos em preceitos” (Ef 2,15). Mediante a cruz de Cristo, os muros de separação desapareceram. Na cruz de Cristo, que gera a unidade na Igreja, se fundamenta a paz (Ef 2,14.15.17).

Para a Bíblia, a paz que vem de Deus (shalôm) é o bem supremo. Esta paz se manifesta na total harmonia universal. Cristo veio estabelecer definitivamente esta paz que se manifesta agora na convivência entre povos tão diferentes, partilhando a mesma mesa na unidade da Igreja. Esta paz trazida pelo Cristo implica na superação dos antagonismos que separavam, e até opunham, judeus de pagãos. No entanto, a Igreja sabe que ainda não existe paz

com os outros povos que formam o império. O que se conseguiu até agora é a paz e a harmonia dentro da Igreja. Fora dela, os conflitos continuam e o martírio é uma realidade para muitas pessoas que fizeram sua opção por Cristo. Tendo conseguido sua paz interna, a Igreja tem agora mais condições de enfrentar os desafios colocados pelas repressivas políticas imperiais. A reconciliação universal trazida pelo Cristo crucificado (cf. Ef 1,10) é uma promessa para o futuro. A Igreja caminhará na história sendo a portadora desta mensagem de esperança. Os profetas já anunciavam que haverá, num futuro, o momento da reconciliação universal (cf. Is 9,5-6; 52,7; 57,19). Para a carta, o autor desta reconciliação é Cristo, agindo em nome de Deus (cf. Cl 1,20-22; Ef 2,16).

Esta meditação da Carta aos Efésios traz um grande desafio para o momento que vivemos hoje. Em nossas condições atuais, vemos uma grande divisão entre as várias igrejas de Cristo, separadas e em grande rivalidade, num processo de mútua exclusão, onde cada uma delas, definindo-se a partir de si próprias, apresentam-se como a “única e verdadeira Igreja de Cristo”. Assim a proposta de uma Campanha da Fraternidade Ecumênica, animada pela passagem da Carta aos Efésios, talvez permita que apareçam cristãos, homens e mulheres, que defendam dar o nome de “Igreja” não às várias denominações que fragmentam o Evangelho de Cristo, mas ao conjunto de todas as pessoas, espalhadas pelo mundo todo que, fiéis ao batismo, passem a invocar o Cristo superando todas as barreiras institucionais e canônicas. Pode ser que assim se cumpra a Palavra de Jesus: haverá um só rebanho e um só Pastor (Jo 10,16).

#### **4. Propostas práticas da CFE 2021**

Aqui não vou repetir o que já está indicado no Texto Base. Destaco apenas que um bom ponto de partida seria a criação de grupos intereclesiais para fazer uma boa avaliação da caminhada ecumênica, destacando os bons frutos gerados até agora. Afinal, sendo esta a quinta CFE, podemos rever tudo aquilo que conseguimos ou atingimos nestes últimos vinte anos.

A proposta da 5ª CFE é construir a unidade através de um diálogo amoroso. Ora, diálogo supõe vencer os atuais muros que nos separam. Para tanto, precisamos ser “amorosos”, ou seja, construir um ecumenismo a partir de um envolvimento afetivo. O caminho do Ecumenismo passa pela amizade, pela proximidade, pelos encontros, pela partilha. Temos que dar passos concretos que nos ajudem a vencer as desconfianças, os preconceitos e as barreiras criadas por nossas identidades confessionais. Um diálogo amoroso permite que partilhemos as dores e as alegrias que atingem a todos, indistintamente, para além de suas confissões religiosas. É importante que saibamos acolher outras propostas cristãs, sabendo respeitar suas tradições, seus ritos, suas maneiras diferentes de agir, de pensar, de se exprimir, de congregar.

Concluo com dois pronunciamentos recentes da Igreja Católica Romana. São algumas citações da última Encíclica do papa Francisco, a *Fratelli Tutti* (FT), lançada em 04 de outubro de 2020, e do Documento do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos chamado “*O Bispo e a unidade dos cristãos - Vademecum Ecumênico*”, de 04 de dezembro de 2020.

Na *Fratelli Tutti*, o papa Francisco aponta as bases de um verdadeiro diálogo que procura superar as divisões e desconfianças mútuas. No capítulo 6 da FT, Francisco reflete sobre o Diálogo e a Amizade Social. Vale a pena conversar sobre esta proposta (FT 203): “O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade; mas só se verifica realmente na medida em que o referido desenvolvimento se realizar em diálogo e na abertura aos outros. Com efeito, «num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma

convicção própria. Deste modo torna-se possível ser sincero, sem dissimular o que acreditamos, nem deixar de dialogar, procurar pontos de contato e sobretudo trabalhar e lutar juntos». O debate público, se verdadeiramente der espaço a todos e não manipular nem ocultar informações, é um estímulo constante que permite alcançar de forma mais adequada a verdade ou, pelo menos, exprimi-la melhor. Impede que os vários setores se instalem, cômodos e autossuficientes, na sua maneira de ver as coisas e nos seus interesses limitados. Pensemos que «as diferenças são criativas, criam tensão e, na resolução duma tensão, está o progresso da humanidade».

Já o documento do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos é uma proposta ecumênica bastante prática, que bem poderia ser objeto de estudos em nossas paróquias ao longo desta CFE. Este documento, voltado para uma pastoral ecumênica nas dioceses católicas, traz importantes sugestões práticas voltadas para a construção da unidade ecumênica a partir das frentes pastorais das comunidades católicas. O esquema do Documento é o seguinte:

1. A promoção do Ecumenismo dentro da Igreja
2. A Igreja Católica e suas relações com outros cristãos
  - A. O Ecumenismo Espiritual
  - B. O Diálogo da Caridade
  - C. O Diálogo da Verdade
  - D. O Diálogo da Vida
    - I. O Ecumenismo Pastoral
    - II. O Ecumenismo Prático
    - III. O Ecumenismo Cultural.

Cada divisão do Documento se encerra com uma série de sugestões práticas que podem ser assumidas em nossas comunidades como compromissos concretos da CFE de 2021.

## **Eis algumas destas sugestões pastorais:**

- Identificar as necessidades pastorais comuns com outras Igrejas cristãs.
- Escutar e aprender com as iniciativas pastorais de outras Igrejas cristãs.
- Identificar, mediante um diálogo com outras pessoas responsáveis, as áreas pastorais que exigem um serviço comum às Igrejas cristãs.
- Rezar, de forma pública ou privada, com outras lideranças cristãs.
- Convidar, quando for oportuno, outras lideranças cristãs para as celebrações litúrgicas ou outros eventos significativos da Igreja Católica.

Terminamos nossas reflexões com a Oração Ecumênica com que o papa Francisco encerra a *Fratelli Tutti*:

### *Oração cristã ecumênica*

Deus nosso, Trindade de amor,  
a partir da poderosa comunhão da vossa intimidade divina  
infundi no meio de nós o rio do amor fraterno.  
Dai-nos o amor que transparecia nos gestos de Jesus,  
na sua família de Nazaré e na primeira comunidade cristã.

Concedei-nos, a nós cristãos, que vivamos o Evangelho  
e reconheçamos Cristo em cada ser humano,  
para O vermos crucificado nas angústias dos abandonados  
e dos esquecidos deste mundo  
e ressuscitado em cada irmão que se levanta.

Vinde, Espírito Santo! Mostrai-nos a vossa beleza  
refletida em todos os povos da terra,

para descobrirmos que todos são importantes,  
que todos são necessários, que são rostos diferentes  
da mesma humanidade amada por Deus.

Amém.

## UMA CULTURA VOCACIONAL

*D. Adelar Baruffi, Bispo de Cruz Alta*

Creemos na palavra do Profeta Jeremias: “Pastores vos darei segundo o meu coração” (Jr 3,15). O próprio Deus, pela fidelidade à sua palavra nos garante que seu povo seja servido e guiado por pastores. Contudo, a identidade essencial do ministério ordenado, bem como da vida consagrada, fogem a uma explicação meramente psicológica e sociológica. É humana, bem humana, mas tem a ver com Deus. Numa sociedade onde tudo é profissionalizado, o ministério do pastoreio vai além, é uma missão que supera o institucional. Ter a ver com toda a vida. Sua base é a fé. Tem sua inspiração em Jesus Cristo, o Bom Pastor, e é acolhida, discernida e realizada na comunhão da Igreja, nunca é somente uma vontade pessoal. O Sínodo dos bispos sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, apresentou a necessidade de a Igreja estar próxima dos adolescentes e jovens nas suas interrogações, ajudando-os a perceber os sinais de Deus que vão mostrando a vocação. O crescente desafio da carência de vocações ao sacerdócio, à vida consagrada e, cada vez mais, ao matrimônio, com certeza, pede uma maior proximidade dos jovens para ajudar a reconhecer, interpretar e decidir a vida na perspectiva da fé.

Duas condições são necessárias a quem quer acolher e acertar o caminho vocacional. A primeira é humana, o desejo sincero de sair de si, de se doar, compreendendo que a vida é um projeto, uma missão a realizar para que o mundo seja melhor. Este é um passo fundamental, visto que o individualismo consumista da sociedade propõe aos jovens um estilo de vida baseado na busca dos próprios

interesses, seu sucesso econômico e profissional. O olhar é preferencialmente sobre si e só em segundo lugar, quando existe, para a sociedade, o país, os pobres e o meio ambiente. Em segundo lugar, para responder adequadamente à vocação é preciso ler e unificar a vida a partir de um centro, de Jesus Cristo, para que tudo, n'Ele, tenha sentido. Depende de nosso testemunho, de adultos na fé, oferecer oportunidade para nossos jovens conhecerem e se fascinarem por Jesus Cristo. No Sínodo dos Jovens, foi reafirmado que “a vida de Jesus continua a ser, ainda hoje, profundamente atraente e inspiradora; é para todos os jovens uma provocação que interpela” (Documento Final, n. 81). Nele, todos nos reconhecemos e nos sentimos representados, pois “revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS n.22).

Outro desafio apresentado pelo Sínodo é aproximar-se para escutar e acompanhar. “Tal serviço constitui a continuação do modo como o Deus de Jesus Cristo age em relação ao seu povo: através duma presença constante e cordial, duma proximidade dedicada e amorosa e duma ternura sem limites” (Documento Final, n. 91). A missão de acompanhar exige disponibilidade para ouvir e capacidade para oferecer elementos para o discernimento. Muitos jovens sentem a falta de pessoas que aceitem o desafio de acompanhá-los, como significa a palavra, comer do seu pão, daquilo que habita seu cotidiano. A comunidade cristã não pode, simplesmente, delegar para os pais esta missão. À medida que acolhe os seus filhos na fé, pelo batismo, assume o compromisso de não abandoná-los. A violência, as drogas, as discriminações, o *bullying*, a pobreza, a dificuldade de relacionamento familiar, a imaturidade afetiva, o vazio interior pela falta de sentido para a vida, são alguns dos pontos que os jovens pedem que saibamos dialogar com eles. Para quem vive no caminho de Jesus Cristo, este acompanhamento é um precioso auxílio para a pessoa reconhecer e abraçar a vontade de Deus na sua situação concreta. Só assim, poderemos criar uma cultura vocacional, que incentive nossos jovens nas suas escolhas vocacionais, seja para o sacerdócio, a vida consagrada ou ao matrimônio.

<https://www.cnbb.org.br/uma-cultura-vocacional/>

## A VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE SE CONSTRÓI NA GRATIDÃO

*Amedeo Cencini*



Somente quem sabe reconhecer o DOM é capaz de gratidão e somente aquele que é reconhecido se abre ao outro e o encontra na comunhão. A comunidade religiosa é antes de tudo um DOM do alto: uma perspectiva essencial para compreendê-la e vivê-la. A comunidade, antes de ser um projeto, faz parte do projeto de Deus, que quer comunicar a sua vida de comunhão. Portanto, a vida fraterna em comum é dom de Deus. É esta a verdade essencial colocada como fundamento do documento sobre a vida fraterna em comunidade (*A Vida Fraterna em Comunidade - Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 1994*). A expressão é clássica, pertence ao velho dicionário espiritual das coisas conhecidas e faladas tantas vezes que, por um lado, presumimos conhecer já o bastante, e por outro lado tentamos traduzir em novidade de linguagem e de vida.

O texto do documento que estamos analisando realiza esta tentativa de “*aggiornamento*” e ao mesmo tempo combate a nossa presunção de já saber tudo, que nos torna hoje sempre mais apáticos (e, portanto, menos irmãos), escolhendo como chave interpretativa da fraternidade religiosa a categoria do

mistério, categoria que reconhecemos como termo chave de todo o documento. Na abertura da primeira parte se diz exatamente o seguinte: *“Não se pode compreender a comunidade religiosa sem partir do fato de ela ser um dom do Alto, de seu mistério e de seu radicar-se no coração mesmo de Trindade Santa e santificante, que a quer como parte do mistério da Igreja, para a vida do mundo”*.

Mas, em que sentido se fala de mistério e de um mistério associado ao DOM, e que importância pode ter isto para alguém que, cotidianamente, conhece a fadiga, o esforço, muito concreto e nem tão misterioso, de viver em fraternidade e de vivê-la como um dom? Uma seqüência de dados, fornecidos pelo texto, nos dará a resposta.

### **Dado teológico e histórico**

O documento nos apresenta, antes de tudo, uma verdade que é fundamento de todo discurso sobre a comunidade: Deus criou o homem para a comunhão, ou melhor, a mais sublime vocação do homem é a de *“entrar em comunhão com Deus e com os outros homens, seus irmãos”*. Quando o homem comprometeu, com o pecado, este projeto de comunhão, o Filho o restabeleceu com a sua morte de cruz, ensinando-nos que *“a comunhão e a unidade são o fruto da condissão do seu mistério de morte”* e ressurreição. Parece querer dizer-nos que a comunidade e a união são um dom, mas um dom pago por um *“elevado preço”*, embora já posto a salvo; e é acolhido e dividido por aquele que aceita entrar nesta lógica (de dar a vida, morrer). É claro que para nós é um mistério que um dom deva andar ligado a um preço a pagar e que a realidade vital da fraternidade deva estar associada à morte de si mesmo... Todavia, é sobre este dado teológico que é construída a comunidade religiosa. Foi assim que as coisas aconteceram ao longo da história. A Igreja, de um lado, viveu constantemente a tensão, muitas vezes sofrida, para a unidade perfeita dos seus membros e de toda a humanidade, enquanto a comunidade religiosa, em continuidade com o grupo dos discípulos de Jesus, sempre foi na Igreja e no mundo *“como uma radicalização do comum espírito fraterno que une todos os cristãos”*, a profecia daquela unidade para a qual tende a comunidade dos

homens. Dom, portanto, dado pelo Pai à Igreja e ao mundo.

A experiência da Igreja sabe que não há comunhão nem comunidade sem reconciliação em Cristo. Quando a comunidade religiosa esqueceu estas coisas ou pretendeu colocar em outro lugar o fundamento da comunhão, não mais testemunhou nenhuma comunhão, nenhuma fraternidade, mas somente aquela presunção que se nutre dos sonhos (camuflados de ideais) e produz frustração (disfarçada com muita dificuldade).

### **Dado carismático e antropológico**

Mas há ainda um outro dado, estreitamente ligado à natureza da vida consagrada e do evento comunitário. A comunidade é dom para o indivíduo porque somente através da fidelidade de tantos irmãos ele pode num determinado momento reconhecer, num determinado carisma, o seu projeto existencial e a sua identidade. É DOM porque atualmente é a comunidade o lugar teológico, o âmbito normal dentro do qual o religioso recebe os dons de Deus e amadurece a sua experiência de Deus, segundo o espírito específico do Instituto. Os irmãos que compõem a comunidade são um dom precioso porque a vontade de Deus se revela misteriosamente em cada um deles e no seu estar juntos, com as grandezas e os limites, as virtudes e as fraquezas que cada um traz consigo. É Dom crescer e santificar-se juntos, sustentados pela fé do outro, carregando-se cada um com o peso do outro. É dom, de modo particular, experimentar a morte e a ressurreição de nossas comunidades, porque em cada morte se quebra e acaba o desejo puramente humano, caem as nossas pretensões perfeccionistas e pagãs de comunidade, e porque em cada ressurreição podemos compreender que não somos nós a fazer as nossas comunidades, mas somente Deus e aquela reconciliação que já foi realizada na Páscoa do Filho. Grande mistério!

Como viver essa riqueza que é colocada em nossas mãos? O documento repete muitas vezes que a comunidade é antes de tudo *“um mistério a ser contemplado e acolhido com um coração reconhecido”*. Porque nos custa tanto este reconhecimento, porque

não nos é natural contemplar e acolher o Dom de viver juntos? Por que, ao contrário, somos suscetíveis e reativos diante dos limites e dos problemas que encontramos em comunidade?

É que o reconhecimento não é uma simples conveniência social, traço de boa educação, mas tem até uma raiz teológica: significa a capacidade de reconhecer em si e no outro, a misericórdia do Pai que nos fez irmãos, ainda quando éramos tão diferentes. Uma misericórdia que chegou até nós através de uma série interminável de gestos de bondade, perdão, ternura..., postos em ato por inumeráveis irmãos e irmãs, e totalmente desproporcionais ao nosso mérito. Seria injusto não os perceber e não se convencer diante desta realidade. E, no entanto, não nos é familiar o render graças pelo dom da comunidade. Por quê? Não devemos simplificar o discurso e a sua raiz teológica, mas é necessário ao menos acenar a uma outra raiz, aquela mais interna da pessoa, a raiz psicológica.

### **a) A gratidão**

A capacidade de reconhecer o bem recebido ou pelo menos oferecido pelos outros é um componente da liberdade afetiva, aquela liberdade que consente em deixar-se estimar sem buscar ansiosamente o afeto do outro, e exatamente por isso permite ao sujeito gozar da benevolência recebida, reconhecer-lhe os sinais e os detalhes mesmo mínimos, apreciá-los, e, isto também, diante dos outros.

Esta gratidão é, por sua vez, a raiz da gratuidade, a qual é inautêntica e insincera se não nasce de um coração agradecido. E não só isto. Aquele que é livre afetivamente e se deixa estimar é grato por isto, não se coloca diante do outro com atitude pretensiosa, não exige da comunidade que ela seja perfeita, não se enerva diante dos limites dos outros, nem “pune” - talvez de maneira sutil - quem lhe estraga o brinquedo ou lhe arruína o sonho da comunidade ideal; mas aceita viver em situações mesmo difíceis e conflitantes, passando mesmo pela morte, porque maior que tudo isto lhe parece o dom recebido. Por isto, não se sente um

“herói” por isso. A *memoria amoris* é mais forte do que qualquer obstáculo ou dá, pelo menos, a força para enfrentá-lo com amor.

## **b) A ingratidão**

O ingrato é, antes de tudo, uma pessoa sem memória ou com uma memória seletiva e, portanto, pobre, superficial e curta. Não que seja mau ou indisposto em relação à comunidade; simplesmente está convencido de que se fez por si mesmo e de que, por isso mesmo, não precisa agradecer a ninguém. E, ao mesmo tempo, nutre no coração, um sutil ressentimento contra os outros e contra a vida, porque não foi amado o bastante e nem tratado segundo os seus merecimentos. Na realidade, trata-se de um indivíduo que não é afetivamente livre. De um lado é alguém que não está seguro da própria amabilidade; do outro, é incapaz de receber afeto, exatamente porque o deseja demais e com excessiva ansiedade. Por isso mesmo, ele jamais se sente pago pela benevolência dos outros, não lhe basta jamais, sempre quer mais. Portanto, ele jamais reconhecerá com gratidão aquilo que é dado. Pode mesmo desprezá-lo, não aceitá-lo... *“porque isto é muito pouco ou indigno dele”*. Deste círculo vicioso decorrem duas consequências. A primeira em relação à comunidade em geral. O religioso “que se fez por si mesmo” tenderá a defender-se da própria comunidade, sente-a como invasora e possessiva, inimiga da sua realização; tem medo dela ou sente-a muito mais como madrasta do que como mãe; vê os outros sempre como “chatos” e se vê como aquele que sempre e só deve dar, está sempre sobrecarregado de serviços, um pouco herói e um pouco vítima. Na realidade - segunda consequência - fazendo assim, é ele mesmo que cria uma situação insustentável a longo prazo. De fato, quem exige ou espera demais do relacionamento interpessoal em termo de gratificação afetiva, coloca as premissas de uma violência destinada a explodir mais cedo ou mais tarde. É a violência sutil da ingratidão, violência de quem se lamenta da pobreza da comunidade, a julga e a condena; violência de quem não sabe aceitar o diferente e não sabe viver o conflito e a situação problemática como ocasião de crescimento e de nova e mais verdadeira fraternidade; violência de quem ama o seu ideal de comunidade mais do que as pessoas que fazem parte

dela; violência de quem não sabe aceitar o dom dos irmãos com os quais somos chamados a caminhar, mesmo na fraqueza e na dor, confessando cada um o seu pecado, pedindo perdão e perdando de coração.

Mesmo quando a culpa e as incompreensões dominam a vida comum, ainda assim o irmão pecador continua sendo o irmão com o qual estou a caminhar, e o seu pecado me oferece uma nova ocasião de gratidão, porque nós dois podemos viver naquele único amor que se perdoa em Cristo Jesus.

(Artigo publicado em Testemoni, n.8, 30.04.1994.  
Tradução e adaptação de Francisco Sehnem. Testemoni)

## **XXV DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA (02 de fevereiro de 2021)**

*Papa Francisco*

Simeão “esperava - escreve São Lucas - a consolação de Israel” (2, 25). Subindo ao templo quando Maria e José levaram lá Jesus, aquele acolhe nos seus braços o Messias. E, naquele Menino, reconhece a luz que veio para iluminar as nações; esta identificação é feita por um homem já idoso que esperou com paciência o cumprimento das promessas do Senhor. Esperou com paciência.



A paciência de Simeão. Vejamos de perto a paciência deste ancião. Durante toda a vida, esteve à espera exercitando a paciência do coração. Aprendera, na oração, que geralmente Deus não recorre a acontecimentos extraordinários, mas realiza a sua obra na aparente monotonia do dia a dia, no ritmo por vezes extenuante das atividades, nas pequenas coisas que realizamos com humilde tenacidade procurando cumprir a sua vontade. Caminhando com paciência, Simeão não se deixou quebrantar com o passar do tempo. É um homem já carregado de anos, mas a chama do seu coração ainda está acesa; por vezes, na sua longa vida, ter-se-á sentido entorpecido, descorçoado, mas não perdeu a esperança; com paciência, guarda a promessa - guarda a promessa -, mas sem se deixar consumir de amargura pelo tempo passado nem por aquela melancolia resignada que surge quando se chega ao crepúsculo da vida. Nele, a expectativa do esperado traduziu-se

na paciência quotidiana de quem, apesar de tudo, permaneceu vigilante até que, finalmente, os seus “olhos viram a Salvação” (Lc 2, 30).

Pergunto-me: onde terá Simeão aprendido esta paciência? Recebeu-a da oração e da vida do seu povo, que sempre reconheceu, no Senhor, o “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade” (Ex 34, 6); reconheceu o Pai que mesmo em presença da recusa e da infidelidade não se cansa; antes, a sua “paciência - como diz Neemias - suportou-os durante muitos anos” (cf. 9, 30), para conceder sempre a possibilidade da conversão.

Assim, a paciência de Simeão é espelho da paciência de Deus. A partir da oração e da história de seu povo, Simeão aprendeu que Deus é paciente. E com a sua paciência, como afirma São Paulo, “convida à conversão” (Rm 2, 4). Gosto de recordar o que dizia Romano Guardini: a paciência é a forma como Deus responde à nossa fraqueza, para nos dar tempo de mudar (cf. Glaubenserkenntnis, Würzburg 1949, 28). Mas há de ser sobretudo o Messias - Jesus, que Simeão estreita nos braços - a revelar-nos a paciência de Deus, o Pai que usa de misericórdia para conosco e chama até à última hora, que não exige a perfeição, mas a generosidade do coração, que abre novas possibilidades onde tudo parece perdido, que procura um buraco por onde entrar dentro de nós quando o nosso coração está fechado, que deixa crescer o trigo sem arrancar o joio. Esta é a razão da nossa esperança: Deus espera por nós, sem nunca Se cansar. Deus espera por nós, sem nunca Se cansar. E aqui está o motivo da nossa esperança. Quando nos afastamos, vem procurar-nos; quando caímos por terra, levanta-nos; quando regressamos a Ele depois de vagar perdidos, espera-nos de braços abertos. O seu amor não se mede com os pesos dos nossos cálculos humanos, mas sempre nos infunde a coragem de recomeçar. Ensina-nos a resiliência, a coragem de recomeçar. Sempre, todos os dias. Depois das quedas, recomeçar sempre... Ele é paciente.

E consideremos a nossa paciência. Da paciência de Deus e da de Simeão, aprendamos para a nossa vida consagrada. E perguntemo-nos: Que é a paciência? De certeza não é simples

tolerância das dificuldades nem suporta fatalista das adversidades. A paciência não é sinal de fraqueza: a fortaleza de ânimo torna-nos capazes de “levar o peso”, de suportar: suportar a carga dos problemas pessoais e comunitários, leva-nos a acolher a diversidade do outro, faz-nos perseverar no bem mesmo quando tudo parece inútil, impele-nos a caminhar mesmo quando nos assaltam o tédio e a preguiça.

Gostaria de indicar três “lugares” onde se concretiza a paciência.

O primeiro é a nossa vida pessoal. Um dia respondemos à chamada do Senhor, oferecendo-nos a Ele com entusiasmo e generosidade. Ao longo do caminho, a par das consolações, tivemos também decepções e frustrações. Às vezes, o resultado esperado não corresponde ao entusiasmo do nosso trabalho; parece que a nossa sementeira não produz os frutos perspectivados, o fervor da oração diminui e nem sempre estamos imunes à aridez espiritual. Pode acontecer, na nossa vida de consagrados, que a esperança esmoreça por causa das expectativas frustradas. Devemos ter paciência conosco e esperar, confiantes, os tempos e as modalidades de Deus: Ele é fiel às suas promessas. Esta é pedra basilar: Ele é fiel às suas promessas. Lembrar-nos disto permite repensar os percursos, revigorar os nossos sonhos, sem ceder à tristeza interior e ao desânimo. Irmãos e irmãs, a tristeza interior em nós consagrados é um verme, um verme que nos corrói por dentro. Fuja da tristeza interior!

O segundo lugar onde se concretiza a paciência: a vida comunitária. As relações humanas, especialmente quando se trata de partilhar um projeto de vida e uma atividade apostólica, todos sabemos que nem sempre são pacíficas. Às vezes surgem conflitos e não se pode exigir uma solução imediata, nem se deve julgar precipitadamente a pessoa ou a situação: é preciso saber dar tempo ao tempo, procurar não perder a paz, esperar o momento melhor para uma clarificação na caridade e na verdade. Não se deixar confundir pelas tempestades. Na leitura do breviário para amanhã, há uma passagem interessante de Diádoco de Foticeia, sobre o discernimento espiritual, que diz “quando o mar está agitado não se veem os peixes; mas podem-se ver quando o

mar está calmo”. Nunca poderemos fazer um bom discernimento, ver a verdade, se o nosso coração estiver agitado e impaciente. Nunca. Nas nossas comunidades, requer-se esta paciência mútua: suportar, isto é, carregar aos próprios ombros a vida do irmão ou da irmã, incluindo as suas fraquezas e defeitos. Todos. Lembremo-nos disto: o Senhor não nos chama para ser solistas - sabemos que existem tantos na Igreja - não, não nos chama para ser solistas, mas para fazer parte dum coro, que às vezes desafina, mas sempre deve tentar cantar em conjunto.

Enfim o terceiro lugar, a paciência com o mundo. Simeão e Ana cultivam no coração a esperança anunciada pelos profetas, mesmo se tarda a realizar-se e cresce lentamente no meio das infidelidades e ruínas do mundo. Não entoam o lamento pelo que está errado, mas esperam com paciência a luz na obscuridade da história. É preciso esperar a luz na obscuridade da história; sim, esperar a luz na obscuridade da própria comunidade. Precisamos desta paciência, para não acabarmos prisioneiros das lamentações. Alguns são mestres em lamentações, doutoraram-se em lamentações, são muito bons a lamentar-se! Não, a lamentação prende: “o mundo já não nos escuta” - tantas vezes ouvimos isto - “já não temos vocações, temos de fechar a barraca”, “vivemos tempos difíceis” - “ah, a quem tu o vens dizer!...”. Assim começa o dueto das lamentações. Às vezes acontece que, à paciência com que Deus trabalha o terreno da história e trabalha também o terreno do nosso coração, opomos a impaciência de quem julga tudo imediatamente: agora ou nunca, agora já. E assim perdemos aquela virtude, “pequena”, mas a mais bela: a esperança. Tenho visto muitos homens e mulheres consagrados que perdem a esperança. Simplesmente por impaciência.

A paciência ajuda-nos a olhar com misericórdia para nós mesmos, as nossas comunidades e o mundo. Podemos interrogar-nos: Acolhemos nós a paciência do Espírito na nossa vida? Nas nossas comunidades, carregamo-nos mutuamente aos ombros e mostramos a alegria da vida fraterna? E, com o mundo, realizamos o nosso serviço com paciência ou julgamos com severidade? São desafios para a nossa vida consagrada: nós não podemos ficar parados na nostalgia do passado, nem limitar-nos a repetir sempre

as mesmas coisas, nem perdermo-nos em lamentações diárias. Precisamos da paciência corajosa de caminhar, explorar novos caminhos, procurar aquilo que o Espírito Santo nos sugere. E isto faz-se com humildade, com simplicidade, sem grande propaganda, sem grande publicidade.

Contemplemos a paciência de Deus e imploremos a paciência confiante de Simeão e também de Ana, para que também os nossos olhos possam ver a luz da Salvação e levá-la a todo o mundo, como a levaram com os seus louvores estes dois anciãos.

### **TEXTO, CONTEXTO E PRETEXTO DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI***

*Alfredo J. Gonçalves, padre carlista, assessor das Pastorais Sociais e vice-presidente do SPM - São Paulo*



Todo texto pressupõe um contexto e um pré-texto. O contexto remete ao terreno temporal e espacial a partir do qual se produz um documento. Este, tanto pode ser uma obra de ficção ou uma carta, quanto um relato histórico ou um estudo científico. Qual o panorama econômico, social, político e cultural que lhe está

subjacente? Em que circunstâncias históricas ele veio à tona? Quais os motivos e condições que o provocaram? Em outras palavras, todo fragmento escrito tem raízes fincadas numa determinada localidade, sem deixar também de possuir asas que muitas vezes o tornam universal.

Já o que podemos chamar de pré-texto tem a ver com as inquietudes e interrogações que levam o autor a empreender uma pesquisa, um projeto de um livro ou uma carta. Procura responder às perguntas explícitas ou implícitas, ditas ou não ditas, que se respiram no cotidiano. Fazendo parte deste cotidiano, o autor encontra-se imerso na realidade concreta. Dela extrai e digere questões nem sempre confessadas e confessáveis. Daí que o pré-texto, ao mesmo tempo que leva em consideração os interrogativos locais, tenta igualmente trazer alguma luz sobre a nebulosidade de um horizonte global que se faz obscuro e inseguro.

Dito isso, o texto da Carta Encíclica *Fratelli tutti*, do Papa Francisco, “sobre a fraternidade e a amizade social” comporta seu contexto e seu pré-texto. O contexto fica evidenciado logo no início da encíclica em duas expressões que descrevem o mundo atual. Uma delas corresponde ao título do primeiro capítulo: “as sombras de um mundo fechado”, imediatamente seguida de outra que figura como subtítulo do mesmo: “sonhos em pedaços”. Com tais motivações em jogo, o Santo Padre passa a descrever o que ele chama de “desconstrucionismo”, onde a crise parece derreter a consciência histórica e onde não se vê mais um projeto comum de sociedade. Daí à cultura do consumismo e do descarte, bem como à indiferença com os direitos humanos, a passagem é breve e perigosa. Comporta medos, conflitos e polarizações exacerbadas.

O Pontífice retoma temas já refletidos em outros documentos da Doutrina Social da Igreja, tanto de seus antecessores quanto de sua autoria. Um deles é o descompasso entre o progresso técnico e a economia globalizada, de um lado e, de outro, o desenvolvimento integral que poderia levar a uma inserção mais justa e solidária no mundo do trabalho. Dois aspectos essenciais formam o pano de fundo desse aparente pessimismo. Um deles é a ruptura do “contrato social” que, de alguma forma, alicerçou o projeto dos tempos modernos. Rompem-se, com extrema facilidade laços,

relações, atitudes e comportamentos, o que leva a uma ausência generalizada de estrelas no céu, ou de referências básicas de orientação. O segundo aspecto decorre justamente dessa carência de pontos sólidos onde firmar os pés e avançar com certa segurança. Emerge o conceito célebre de “modernidade líquida”, cunhado por Zygmunt Bauman.

Em vista desse contexto incerto, conturbado e fragmentário, a Carta Encíclica procura responder às questões do pré-texto. Aqui, dois fatores ajudaram a turbinar uma série de medos e angústias relacionadas a um tecido social já fortemente esgarçado: o retorno da extrema direita ao poder, com um discurso marcado pelo populismo nacionalista e a pandemia do Covid-19. Um e outro mexeram negativamente com o mundo do trabalho e dos direitos trabalhistas, levando multidões ao desemprego, subemprego ou mercado informal. Mexeram igualmente com a perspectiva de defesa do meio ambiente, costurada por cientistas, ambientalistas e diversas nações de forma tão árdua e laboriosa ao longo das últimas décadas. Ambos os fatores criaram um imenso exército de migrantes e refugiados, errando atrás dos ventos e das migalhas do capital.

Do segundo capítulo em diante, o Papa Francisco toma como referência a parábola evangélica do Bom Samaritano para apontar algumas linhas de ação. Tem em vista o desafio de “pensar e gerar um mundo aberto”, mas também “um coração aberto ao mundo inteiro”, títulos do terceiro e quarto capítulos respectivamente. Utopia positiva de um mundo de irmãos e sem fronteiras!

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603661-texto-contexto-e-pretex-to-da-enciclica-fratelli-tutti>

## **FRATELLI TUTTI: UM GUIA PARA A LEITURA DA ENCÍCLICA DO PAPA FRANCISCO**

*Pe. Antonio Spadaro, diretor da revista La Civiltà Cattolica*

Após oito anos da sua eleição, o Papa Francisco escreve uma nova encíclica, que representa o ponto de confluência de uma ampla parte do seu magistério (cf. *Fratelli tutti*, 5)<sup>1</sup>. A fraternidade foi o primeiro tema ao qual Francisco fez referência dando início ao seu pontificado, quando inclinou a cabeça diante das pessoas reunidas na Praça São Pedro. Lá, ele definiu a relação bispo-povo como “caminho de fraternidade” e expressou este desejo: “Rezemos sempre por nós, uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade”<sup>2</sup>.

O título é uma citação direta das “Admoestações” de São Francisco: *Fratelli tutti* [Todos Irmãos]. E indica uma fraternidade que se estende não só aos seres humanos, mas imediatamente também à terra, em plena sintonia com a outra encíclica do pontífice, a *Laudato si*<sup>3</sup>.

### **Fraternidade e amizade social**

A *Fratelli tutti* conjuga, ao mesmo tempo, a fraternidade e a amizade social. Esse é o núcleo central do texto e do seu significado. O realismo que atravessa as páginas dilui todo romantismo vazio, sempre à espreita quando se trata de fraternidade. A fraternidade não é apenas uma emoção, ou um sentimento, ou uma ideia – por

---

<sup>1</sup> Daqui em diante, quando houver referência à encíclica, entre parênteses, será omitido o título e usado apenas o número do parágrafo. Cf. também o volume “Fratellanza”, Roma, La Civiltà Cattolica, 2020. Acesse aqui.

<sup>2</sup> Francisco, Primeira saudação do Santo Padre, 13 de março de 2013.

<sup>3</sup> Surgiram algumas polêmicas sobre o uso da palavra “irmãos” no masculino, como se o papa quisesse excluir a referência ao feminino. Claramente, o título da encíclica é uma citação franciscana e, portanto, é e deve permanecer como tal. Mas isso não tem nenhum caráter exclusivo. Certamente, deve-se notar que, recentemente, na França, o Alto Conselho para a Igualdade entre as Mulheres e os Homens (HCE), em vista da anunciada revisão da Constituição, propôs substituir, no lema nacional da República, a palavra *fraternité* por *adelphité*, palavra que deriva do grego e significa “fraternidade”, mas desprovida da conotação masculina, própria do termo anterior. Outros, para evitar o neologismo, propõem simplesmente *solidarité*. Mas veremos mais adiante a fraqueza dessa escolha, especialmente à luz do pensamento de Francisco. Cf. J. L. Narvoja, “Libertà, uguaglianza, fraternità”, in *Civ. Catt.*, 2018, II, 394-399.

mais nobre que seja – para Francisco, mas sim um fato que, depois, implica também a saída, a ação (e a liberdade): “De quem eu me faço irmão?”.

A fraternidade assim entendida inverte a lógica do apocalipse hoje predominante; uma lógica que luta contra o mundo porque crê que ele é o oposto de Deus, ou seja, um ídolo, e, portanto, deve ser destruído o mais rápido possível para acelerar o fim do tempo. Diante do abismo do apocalipse, não há mais irmãos: apenas apóstatas ou “mártires” em uma corrida “contra” o tempo. Não somos militantes ou apóstatas, mas irmãos todos.

A fraternidade não queima o tempo, nem cega os olhos e os ânimos. Em vez disso, ocupa o tempo, requer tempo. O do litígio e o da reconciliação. A fraternidade “perde” tempo. O apocalipse o queima. A fraternidade requer o tempo do tédio. O ódio é pura excitação. A fraternidade é aquilo que permite que os iguais sejam pessoas diferentes. O ódio elimina o diferente. A fraternidade salva o tempo da política, da mediação, do encontro, da construção da sociedade civil, do cuidado. O fundamentalismo o anula em um videogame.

É por isso que, no dia 4 de fevereiro de 2019, em Abu Dhabi, Francisco, o papa, e Ahmad al-Tayyeb, o grão-imã de al-Azhar, assinaram um histórico documento sobre a fraternidade. Os dois líderes se reconheceram como irmãos e, juntos, tentaram olhar para o mundo de hoje. E o que entenderam? Que a única verdadeira alternativa que desafia e detém a solução apocalíptica é a fraternidade.

É preciso redescobrir essa poderosa palavra evangélica, retomada no lema da Revolução Francesa, mas que a ordem pós-revolucionária abandonou depois, até o seu apagamento do léxico político-econômico. E nós o substituímos por aquela mais fraca da “solidariedade”, que, na *Fratelli tutti*, se repete 22 vezes (contra 44 de “fraternidade”).

Francisco escreveu em uma das suas mensagens: “Enquanto a solidariedade é o princípio de planejamento social que permite que os desiguais se tornem iguais, a fraternidade é aquilo que permite

que os iguais sejam pessoas diferentes”<sup>4</sup>.

O reconhecimento da fraternidade muda a perspectiva, a inverte e se torna uma forte mensagem de valor político: todos somos irmãos e, portanto, todos somos cidadãos com direitos e deveres iguais, sob cuja sombra todos gozam da justiça.

A fraternidade, além disso, é a base sólida para viver a “amizade social”. O Papa Francisco em 2015, falando em Havana, lembrou que uma vez havia visitado uma área muito pobre de Buenos Aires. O pároco do bairro apresentou-o a um grupo de jovens que estavam construindo algumas casas: “Este é o arquiteto, é judeu; este é comunista; este é católico praticante; este é...”. O papa comentou: “Eram todos diferentes, mas todos estavam trabalhando juntos pelo bem comum”. Francisco chama essa atitude de “amizade social”, que sabe conjugar os direitos com a responsabilidade pelo bem comum, as diversidades com o reconhecimento de uma fraternidade radical.

## Uma fraternidade sem fronteiras

A *Fratelli tutti* se abre com a evocação de uma fraternidade aberta, que permite que cada pessoa seja reconhecida, valorizada e amada para além da proximidade física, para além do lugar do universo onde nasceu ou onde vive. A fidelidade ao Senhor é sempre proporcional ao amor pelos irmãos. E essa proporção é um critério fundamental dessa encíclica: não se pode dizer que se ama a Deus se não se ama o irmão. “De fato, quem não ama o próprio irmão a quem vê, não pode amar a Deus que não vê” (1Jo 4,20)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Francisco, Mensagem à Prof.<sup>a</sup> Margaret Archer, presidente da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, 24 de abril de 2017.

<sup>5</sup> O tema atravessa o pontificado de Francisco e, portanto, também o seu magistério. Bastaria lembrar aqui algumas breves passagens de maneira exemplar. Francisco escreveu na sua exortação *Amoris Laetitia*: “Deus confiou à família o projeto de tornar ‘doméstico’ o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão” (n. 183). E na *Gaudete et exultate*: “No meio da densa selva de preceitos e prescrições, Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão. Não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos; entrega-nos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerte e necessitado, está presente a própria imagem de Deus” (n. 61). Na *Christus vivit*: “Correi ‘atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre” (n. 299). Na encíclica *Laudato si*, o tema volta com frequência. Por exemplo: “São Boaventura, seu discípulo, contava que ele [Francisco], ‘enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs” (n. 11).

Desde as primeiras frases, destaca-se como Francisco de Assis estendeu a fraternidade não apenas aos seres humanos - e em particular aos abandonados, aos doentes, aos descartados, aos últimos, indo além das distâncias de origem, nacionalidade, cor ou religião - mas também ao sol, ao mar e ao vento (cf. nn. 1-3). O olhar, portanto, é global, universal. E assim é o fôlego das páginas do Papa Francisco.

Essa encíclica não podia permanecer alheia à pandemia da Covid-19, que eclodiu inesperadamente. Para além das várias respostas dadas pelos diversos países - escreve o papa -, veio à tona a incapacidade de agir em conjunto, embora possamos nos orgulhar de estar hiperconectados. Escreve Francisco: "Oxalá já não existam 'os outros', mas apenas um 'nós'" (n. 35).

## **O cisma entre indivíduo e comunidade**

O primeiro passo que Francisco dá é o de compilar uma fenomenologia das tendências do mundo atual que são desfavoráveis ao desenvolvimento da fraternidade universal. O ponto de partida das análises de Bergoglio é frequentemente - senão sempre - aquele que ele aprendeu com os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, que convidava a rezar imaginando como Deus vê o mundo<sup>6</sup>.

O pontífice observa o mundo e tem a impressão geral de que está se desenvolvendo um verdadeiro cisma entre o indivíduo e a comunidade humana (cf. n. 30). Um mundo que não aprendeu nada com as tragédias do século XX, sem senso da história (cf. n. 13). Parece haver um retrocesso: os conflitos, os nacionalismos, o senso social perdido (cfr. n. 11), e o bem comum parece ser o menos comum dos bens.

Nesse mundo globalizado, estamos sozinhos, e prevalece o indivíduo sobre a dimensão comunitária da existência (cf. n. 12). As pessoas desempenham o papel de consumidores ou de espectadores, e os mais fortes são favorecidos.

<sup>6</sup> Cf. Inácio de Loyola s., Exercícios espirituais, nn. 103-106.

E assim Francisco monta as peças do quebra-cabeça que ilustra os dramas do nosso tempo.

A primeira peça diz respeito à política. Nesse contexto dramático, as grandes palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade perdem a plenitude do seu significado, e se tornam liquefeitas a consciência histórica, o pensamento crítico, a luta pela justiça e os caminhos da integração (cf. n. 14 e 110). E é duríssimo o julgamento sobre a política pelo modo como às vezes ela está reduzida hoje: “A política deixou de ser um debate saudável sobre projetos a longo prazo para o desenvolvimento de todos e o bem comum, limitando-se a receitas efêmeras de marketing cujo recurso mais eficaz está na destruição do outro” (n. 15).

A segunda peça é a cultura do descarte. A política reduzida a marketing favorece o fosso global e da cultura do qual é fruto (cf. n. 19-20).

O quadro continua com a inserção de uma reflexão sobre os direitos humanos, cujo respeito é um pré-requisito para o desenvolvimento social e econômico de um país (cf. n. 22).

A quarta peça é o importante parágrafo dedicado às migrações. Se deve ser reafirmado o direito a não emigrar, também é verdade que uma mentalidade xenófoba esquece que os migrantes devem ser protagonistas do seu próprio resgate. E com força afirma: “É inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes” (n. 39).

Depois, há a quinta peça: os riscos que a própria comunicação hoje levanta. Com a conexão digital, as distâncias se encurtam, mas se desenvolvem atitudes de fechamento e de intolerância, que alimentam o “espetáculo” encenado pelos movimentos de ódio. Em vez disso, precisamos de “gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana” (n. 43).

O pontífice, no entanto, não se limita a fornecer uma descrição asséptica da realidade e do drama do nosso tempo. A sua leitura

está imersa em um espírito de participação e de fé. A visão do papa, embora atenta à dimensão sócio-política e cultural, é radicalmente teológica. A redução ao individualismo que aqui emerge é fruto do pecado.

### **Um estranho na rua**

Apesar das densas sombras descritas nas páginas dessa encíclica, Francisco pretende fazer ecoar muitos percursos de esperança, que nos falam de uma sede de plenitude, de um desejo de tocar aquilo que preenche o coração e eleva o espírito para as grandes coisas (cf. n. 54-55).

Na tentativa de buscar uma luz, e antes de indicar algumas linhas de ação, Francisco propõe dedicar um capítulo à parábola do Bom Samaritano. A escuta da Palavra de Deus é uma passagem fundamental para julgar evangelicamente o drama do nosso tempo e encontrar saídas. Assim, o Bom Samaritano se torna um modelo social e civil (cf. n. 66).

A inclusão ou a exclusão dos feridos à beira da estrada define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos. O Santo Padre, de fato, não se detém no nível das escolhas individuais, mas projeta essas duas opções ao nível das políticas dos Estados. No entanto, volta sempre ao nível pessoal por temor de que nos sintamos desresponsabilizados.

### **Pensar e gerar um mundo hospitaleiro: uma visão inclusiva**

O terceiro passo do itinerário que Francisco nos faz dar é aquele que poderíamos definir com o pontífice como o “além”, isto é, a necessidade de ir além de si mesmo. Se o drama descrito no primeiro capítulo era o da solidão do homem consumidor encerrado no seu individualismo e na passividade do espectador, é preciso encontrar uma saída.

E o primeiro fato é que ninguém pode experimentar o valor da vida sem rostos concretos para amar. Aqui está um segredo da autêntica existência humana (cf. n. 86). O amor cria laços e

expande a existência. Mas essa “saída” de si não se reduz a uma relação com um pequeno grupo, ou a laços familiares: é impossível entender a si mesmo sem um tecido de relações mais amplo com outros que nos enriquecem (cf. n. 88-91).

Esse amor que é abertura ao “além” e “hospitalidade” é o fundamento da ação que permite estabelecer a amizade social e a fraternidade. Amizade social e fraternidade não excluem, mas incluem. Independem dos traços físicos e morais ou, como escreve o papa, das etnias, das sociedades e das culturas (cf. n. 95). A tensão é para uma “comunhão universal” (n. 95), para “uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros” (n. 96). Essa abertura é geográfica, mas mais ainda existencial.

No entanto, o próprio pontífice percebe, nesse ponto, o risco de um mal-entendido, o do falso universalismo de quem não ama o próprio povo. Também é forte o risco de um universalismo autoritário e abstrato, que visa a homogeneizar, uniformizar, dominar. A proteção das diferenças é o critério da verdadeira fraternidade que não homologa, mas acolhe e faz convergir as diversidades, valorizando-as. Somos irmãos porque, ao mesmo tempo, somos iguais e diferentes: “É preciso se libertar da obrigação de ser iguais”<sup>7</sup>.

## **A importância do multilateralismo**

O papa pede uma mudança de perspectiva radical não só em nível interpessoal ou estatal, mas também nas relações internacionais: a da certeza da destinação comum dos bens da terra.

Essa perspectiva muda o panorama, e “podemos dizer que cada país é também do estrangeiro, já que os bens de um território não devem ser negados a uma pessoa necessitada que provenha de outro lugar” (n. 124).

Além disso – continua o pontífice –, isso pressupõe outro modo de entender as relações internacionais. É claríssimo, portanto,

<sup>7</sup> Francisca, exortação apostólica *Amoris laetitia*, n. 139

o apelo à importância do multilateralismo, com uma verdadeira condenação de uma abordagem bilateral em que países poderosos e grandes empresas preferem negociar com outros países menores ou pobres: para obter deles maiores lucros (cf. n. 153). A chave é “nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura de um destino comum” (n. 115). Cuidar da fragilidade é um ponto-chave dessa encíclica.

### **Um coração aberto ao mundo inteiro**

Francisco também fala dos desafios a serem enfrentados para que a fraternidade não permaneça somente como uma abstração, mas ganhe corpo.

O primeiro é o das migrações, a ser desenvolvido em torno de quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar. Com efeito, não se trata de “impor do alto programas assistenciais, mas de percorrer unidos um caminho através destas quatro ações” (n. 129).

Francisco oferece indicações muito precisas (cf. n. 130). Mas, em particular, detém-se sobre o tema da cidadania, assim como havia sido abordado no Documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz Mundial e Convivência Comum, assinado em Abu Dhabi. Falar em “cidadania” afasta a ideia de “minorias”, que carrega consigo as sementes do tribalismo e da hostilidade, e que vê no rosto do outro a máscara do inimigo. A abordagem de Francisco é subversiva com respeito às teologias políticas apocalípticas que vão se espalhando.

Por outro lado, o papa evidencia o fato de que a chegada de pessoas que provêm de um contexto vital e cultural diferente se transforma em um dom para quem as acolhe: é um encontro entre pessoas e culturas que constitui uma oportunidade de enriquecimento e de desenvolvimento. E isso pode ocorrer se se permite que o outro seja ele mesmo.

O critério guia do discurso é sempre o mesmo: fazer crescer a consciência de que ou nos salvamos todos, ou ninguém se salva. Toda atitude de “esterilização” e isolacionismo é um obstáculo ao enriquecimento próprio do encontro.

## Populismo e liberalismo

Francisco continua o seu discurso com um capítulo dedicado à melhor política, aquela posta a serviço do verdadeiro bem comum (cf. n. 154). E aqui aborda de frente a questão do confronto entre populismo e liberalismo, que podem usar os frágeis, o “povo”, de maneira demagógica. Francisco pretende esclarecer imediatamente um mal-entendido, usando uma ampla citação da entrevista que nos concedeu para a publicação dos seus escritos como arcebispo de Buenos Aires. Nós a relatamos na íntegra, porque é central para o discurso.

“Povo não é uma categoria lógica, nem uma categoria mística, no sentido de que tudo o que faz o povo é bom, ou no sentido de que o povo seja uma entidade angelical. É uma categoria mítica. (...) Quando explicas o que é um povo, recorres a categorias lógicas porque precisas de o descrever: é verdade, elas são necessárias. Mas, deste modo, não consegues explicar o sentido de pertença a um povo; a palavra povo tem algo mais que não se pode explicar logicamente. Pertencer a um povo é fazer parte de uma identidade comum, formada por vínculos sociais e culturais. E isto não é algo de automático; muito pelo contrário: é um processo lento e difícil... rumo a um projeto comum” (n. 158)<sup>8</sup>.

Consequentemente, essa categoria mítica pode indicar uma liderança capaz de se sintonizar com o povo, com a sua dinâmica cultural e as grandes tendências de uma sociedade a serviço do bem comum; ou pode indicar uma degeneração quando se muda na habilidade de atrair consensos para o sucesso eleitoral e para instrumentalizar ideologicamente a cultura do povo, a serviço do próprio projeto pessoal (cf. n. 159).

Porém, não é preciso sequer enfatizar a categoria mítica de povo como se ela fosse uma expressão romântica e, portanto, como tal, rejeitada em favor de discursos mais concretos, institucionais, ligados à organização social, à ciência e às instituições da sociedade civil.

<sup>8</sup> A. Spadaro, “Le orme di un pastore. Una conversazione con Papa Francesco”, in J. M. Bergoglio/Papa Francesco, *Nei tuoi occhi è la mia parola. Omelie e discorsi di Buenos Aires 1999-2013*, Milão: Rizzoli, 2016, XVI.

O que une ambas as dimensões, a mítica e a institucional, é a caridade, que implica um caminho de transformação da história que incorpora tudo: instituições, direito, técnica, experiência, contribuições profissionais, análise científica, procedimentos administrativos. O amor ao próximo, de fato, é realista.

Portanto, é necessário fazer crescer tanto a espiritualidade da fraternidade quanto a organização mais eficiente para resolver os problemas: as duas coisas absolutamente não se opõem. E isso sem imaginar que existe uma receita econômica que possa ser aplicada igualmente a todos: até a ciência mais rigorosa pode propor caminhos e soluções diferentes (cf. n. 164-165).

### **Os movimentos populares e as instituições internacionais**

Nesse contexto, Francisco fala tanto dos movimentos populares quanto das instituições internacionais. Parecem dois níveis opostos e divergentes de organização, mas, no fim, são convergentes na sua virtuosidade, pois valorizam o local, os primeiros, e global, os segundos, e sempre sob a insígnia do multilateralismo.

Os movimentos populares “reúnem desempregados, trabalhadores precários e informais e tantos outros que não entram facilmente nos canais já estabelecidos” (n. 169). Com esses movimentos, supera-se “a ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres, e muito menos inserida num projeto que reúna os povos” (ibid).

Depois, Francisco se detém sobre as instituições internacionais, hoje enfraquecidas, sobretudo porque a dimensão econômico-financeira, com características transnacionais, tende a predominar sobre a política. Entre elas, a Organização das Nações Unidas, que deve ser reformada para evitar que seja deslegitimada e para que “seja possível uma real concretização do conceito de família de nações” (n. 173). Ela tem como tarefa a promoção da soberania do direito, porque a justiça é “um requisito indispensável para se realizar o ideal da fraternidade universal” (ibid.).

## **A melhor política não está submetida à economia**

Francisco, então, se detém longamente sobre a política. Várias vezes o pontífice lamentou como ela está submetida à economia, e esta, ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pelo contrário, é a política que deve ter uma visão ampla para que a economia seja integrada em um projeto político, social, cultural e popular que tenda ao bem comum (cf. n. 177 e 17).

Fraternidade e amizade social não são utopias abstratas. Exigem decisão e a capacidade de encontrar caminhos que assegurem a sua real possibilidade, envolvendo também as ciências sociais. E esse é um “exercício alto da caridade” (n. 180).

O amor, portanto, se expressa não só em relações face a face, mas também nas relações sociais, econômicas e políticas, buscando construir comunidades nos diversos níveis da vida social. Trata-se daquilo que Francisco chama de amor social (cf. n. 186). Essa caridade política pressupõe o amadurecimento de um senso social em virtude do qual “cada um é plenamente pessoa quando pertence a um povo e, vice-versa, não há um verdadeiro povo sem referência ao rosto de cada pessoa” (n. 182). Em suma: povo e pessoa são termos correlatos.

O amor social e a caridade política expressam-se também na plena abertura ao debate e ao diálogo com todos, até mesmo com os adversários políticos, pelo bem comum, para tornar possível a convergência pelo menos sobre alguns temas. Não é preciso temer o conflito gerado pelas diferenças, até porque “a uniformidade gera asfixia e neutraliza-nos culturalmente” (n. 191).

E é possível viver isso se o político não deixar de se considerar um ser humano, chamado a viver o amor nas suas relações interpessoais cotidianas (cf. n. 193) e se souber viver, sim, a ternura. Esse vínculo entre política e ternura parece inédito, mas é realmente eficaz, porque a ternura é “o amor que se torna próximo e concreto” (n. 194). Em meio à atividade política, os mais frágeis devem provocar ternura e têm o “‘direito’ de arrebatá-la nossa alma, o nosso coração” (ibid.).

## Diálogo e cultura do encontro

Francisco resume alguns verbos usados nessa encíclica em uma única palavra: diálogo. “Em uma sociedade pluralista”, escreve o pontífice, “o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional” (n. 211).

Mais uma vez, expressa-se uma visão peculiar da amizade social, feita a partir do constante encontro das diferenças. O papa observa que este é o tempo do diálogo. Todos trocam mensagens nas mídias sociais, por exemplo, graças à rede. No entanto, muitas vezes o diálogo se confunde com uma febril troca de opiniões, que, na realidade, é um monólogo no qual predomina a agressividade. Ele também observa com precisão que esse é o estilo que parece prevalecer no contexto político, que, por sua vez, tem um reflexo direto na vida cotidiana das pessoas (cf. 200-202).

“O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos” (n. 203)<sup>9</sup>. Essa é a dinâmica da fraternidade, afinal, o seu caráter existencial, que “ajuda a relativizar as ideias, pelo menos no sentido de não se resignar ao fato de que um conflito decorrente de uma disparidade de pontos de vista e de opiniões prevaleça definitivamente sobre a fraternidade”<sup>10</sup>.

Diálogo absolutamente não significa relativismo, que fique claro. Como já havia escrito na encíclica *Laudato si'*, Francisco afirma que, se o que importa não são as verdades objetivas nem os princípios estabelecidos, mas sim a satisfação das próprias aspirações e das necessidades imediatas, então as leis serão entendidas apenas como imposições arbitrárias e obstáculos a serem evitados. A busca dos valores mais altos sempre se impõe (cf. nn. 206-210).

O encontro e o diálogo tornam-se assim uma “cultura do

<sup>9</sup> Cf. Inácio de Loyola s., *Exercícios espirituais*, n. 22

<sup>10</sup> D. Fares, “La fratellanza umana. Il suo valore trascendentale e programmatico nell’itinerario di papa Francesco”, in *Civ. Catt.*, 2019, III, 119.

encontro”, que significa a paixão de um povo em querer projetar algo que envolva a todos; e que não é um bem em si, mas é um modo de fazer o bem comum (cf. nn. 216-221).

### **Percursos de um novo encontro: conflito e reconciliação**

Francisco, então, dirige um apelo a lançar sólidas bases para o encontro e para iniciar processos de cura. O encontro não pode se fundamentar em diplomacias vazias, discursos duplos, dissimulações, formalismo... É somente a partir da verdade dos fatos que pode nascer o esforço de se compreender reciprocamente e de encontrar uma síntese para o bem de todos (cf. nn. 225-226).

O papa considera que a verdadeira reconciliação não foge do conflito, mas é obtida no conflito, superando-o através do diálogo e da negociação transparente, sincera e paciente (cf. n. 244). Por outro lado, o perdão não tem nada a ver com renunciar aos próprios direitos diante de um poderoso corrupto, de um criminoso ou de alguém que degrada a nossa dignidade. É preciso defender fortemente os próprios direitos e proteger a própria dignidade (cf. n. 241).

Acima de tudo, não se deve perder a memória dos grandes crimes da história: “Hoje é fácil cair na tentação de virar a página, dizendo que já passou muito tempo e é preciso olhar para a frente. Isso não, por amor de Deus! Sem memória, nunca se avança” (n. 249).

### **Guerra e pena de morte**

Nesse quadro, Francisco examina duas situações extremas que podem se apresentar como soluções em circunstâncias dramáticas: a guerra e a pena de morte. O pontífice é claríssimo ao tratar os dois casos.

Em relação à guerra, ele afirma que infelizmente não é um fantasma do passado, mas uma ameaça constante. Portanto, deve ficar claro que “a guerra é a negação de todos os direitos e uma agressão dramática ao meio ambiente” (n. 257).

Ele também aborda a posição do Catecismo da Igreja Católica, onde se contempla a possibilidade de uma legítima defesa por meio da força militar, com o pressuposto de demonstrar que existem algumas rigorosas condições de legitimidade moral. No entanto - escreve Francisco - facilmente caímos em uma interpretação ampla demais desse direito.

Hoje, de fato, com o desenvolvimento das armas nucleares, químicas e biológicas, “conferiu-se à guerra um poder destrutivo incontrolável, que atinge muitos civis inocentes”. Portanto - e eis a conclusão do papa - “já não podemos pensar na guerra como solução, porque provavelmente os riscos sempre serão superiores à hipotética utilidade que se lhe atribua. Perante esta realidade, hoje é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar de uma possível ‘guerra justa’. Nunca mais a guerra” (n. 258).

A resposta à ameaça das armas nucleares e a todas as formas de destruição em massa deve ser coletiva e concertada, com base na confiança recíproca. E - propõe o pontífice - “com o dinheiro usado em armas e em outras despesas militares, constituamos um Fundo mundial, para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções violentas ou enganadoras, nem precisem de abandonar os seus países à procura de uma vida mais digna” (n. 262).

A respeito da pena de morte, Francisco retoma o pensamento de João Paulo II, que afirmou de maneira clara na encíclica *Evangelium vitae* (n. 56) que ela é inadequada no plano moral e não é mais necessária no plano penal. Francisco também se refere a autores como Lactâncio, Papa Nicolau I ou Santo Agostinho, que, desde os primeiros séculos da Igreja, se mostravam contrários a essa pena. E afirma com clareza que “a pena de morte é inadmissível” (n. 263), e que a Igreja se compromete com determinação a propor que ela seja abolida em todo o mundo. E o julgamento também se estende à prisão perpétua, que “é uma pena de morte escondida” (n. 268).

## **As religiões a serviço da fraternidade no mundo**

A última parte dessa encíclica é dedicada às religiões e ao seu papel ao serviço da fraternidade. As religiões acumulam séculos de experiência e de sabedoria, e, portanto, devem participar do debate público, assim como da política ou da ciência (cf. n. 275).

Por isso, a Igreja não relega sua missão à esfera privada. “É verdade”, especifica, “que os ministros da religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência” (n. 276). A Igreja, portanto, tem um papel público que também contribui para a fraternidade universal (cf. *ibid.*).

A fonte da dignidade humana e da fraternidade para os cristãos, em particular, está no Evangelho de Jesus Cristo, do qual brota, tanto para o pensamento quanto para a ação pastoral, a importância fundamental da relação, do encontro, da comunhão universal com a humanidade inteira (cf. n. 277). A Igreja, “com o poder do Ressuscitado, quer dar à luz um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, onde haja lugar para cada descartado das nossas sociedades, onde resplandeçam a justiça e a paz” (n. 278).

## **Um apelo à paz e à fraternidade**

A *Fratelli tutti* se conclui com um apelo e duas orações que explicitam o seu sentido e os seus destinatários.

Na realidade, o apelo é uma ampla citação do já citado documento assinado pelo papa e pelo Grão-Imã Ahmad al-Tayyeb em Abu Dhabi, e diz respeito precisamente à convicção de que “as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião” (n. 285).

Entre as outras referências oferecidas no texto, notamos que o papa quis recordar em particular o Bem-aventurado Charles de Foucauld, que “queria ser ‘o irmão universal’. Mas somente

identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos” (n. 287). Para Francisco, a fraternidade é o espaço próprio do Reino de Deus, no qual o Espírito Santo pode vir, habitar e agir<sup>11</sup>.

### **“Assim reinará Filadélfia, cidade dos irmãos”**

Depois de ter percorrido a *Fratelli tutti*, tentando enfatizar os seus temas fundamentais, gostaria de concluir citando um escritor argentino, Leopoldo Marechal, muito apreciado pelo Papa Francisco, de quem ele me havia falado quando o entrevistei em 2013.

Marechal descreveu a “cidade dos irmãos, Filadélfia” na sua obra-prima “Adán Buenosayres”, obra que narra um périplo simbólico de três dias do poeta Adán dentro da geografia de uma Buenos Aires metafísica. Reconhece-se em particular a influência de Dante no sétimo livro do romance, intitulado “Viaje a la Oscura Ciudad de Cacodelphia”, evidente paródia do Inferno.

Mas passemos para Filadélfia, que - escreve Marechal - “levantará suas cúpulas e torres sob um céu tão resplandecente quanto a cara de uma criança. Como a rosa entre as flores, como o pintassilgo entre os pássaros, como o ouro entre os metais, assim reinará Filadélfia, a cidade dos irmãos, entre as urbes deste mundo. Uma multidão pacífica e regozijada frequentará as suas ruas: o cego abrirá seus olhos à luz, o que negou afirmará o que negava, o desterrado pisará a terra do seu nascimento e o maldito se verá livre no fim...”<sup>12</sup>.

Como a rosa entre as flores, assim reinará a “cidade dos irmãos” entre as metrópoles do mundo, escreve Marechal. E Francisco, com essa encíclica, aponta diretamente para a vinda do “Reino de Deus”, como rezamos no Pai-Nosso, oração que nos vê a todos irmãos, por sermos filhos de um único Pai.

O sentido do Reino de Deus é a capacidade dos cristãos de colocar a boa notícia do Evangelho à disposição de toda a humanidade, de

<sup>11</sup> Cf. D. Fares, “La fraternanza umana”, cit., 122.

<sup>12</sup> L. Marechal, Adán Buenosayres, Florença: Vallecchi, 2010, 342 s.

todos os homens e mulheres, sem distinção alguma, como recurso de salvação e plenitude. Nesse caso, o evangelho da fraternidade.

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603448-fratelli-tutti-um-guia-para-a-leitura-da-enciclica-do-papa-francisco-artigo-de-antonio-spadaro>

## **CARLO ACUTIS: um santo de calça jeans**

*Laryssa Luma Lima Lapa  
Presidente da JMV-RJ*



Carlo Acutis é o nome do jovem que se tornou popularmente conhecido sob o pseudônimo de “padroeiro da internet”. Nascido em 1991 em Londres e falecido em 2006, o jovem foi vítima de leucemia e se despediu da vida em seus tenos quinze anos no país em que viveu por quase toda a vida, a Itália.

Em 12 de outubro de 2020, também dia de Nossa Senhora Aparecida, o rapaz recebeu a honra póstuma de ser beatificado na cidade de Assis, após as autoridades do Vaticano reconhecerem como milagre a cura de uma criança brasileira que tocou em uma de suas relíquias e se recuperou de doença grave que originalmente exigia intervenção cirúrgica.

O corpo do adolescente continua intacto e seus restos mortais foram transferidos para a cidade de Assis, onde foi exposto, ainda portando suas roupas comuns e cotidianas. Por vários dias visitantes puderam testemunhar a simplicidade do par de jeans e moletom do rapaz excepcional que se tornou objeto de veneração no mundo inteiro.

O portal da Santa Sé menciona que, dentre as virtudes do jovem beato, aquela que mais se sobressai é a fortaleza. Diz-se que ele jamais se queixava da doença ou da possibilidade de morrer jovem e que, ao ser questionado, dizia não se sentir triste com a perspectiva porque jamais havia desperdiçado tempo de sua vida fazendo coisas que não agradam a Deus.

Além de suas virtudes veneráveis, os detalhes que mais nos identificam com Carlo Acutis são suas características mais prosaicas. Jogava futebol, adorava Nutella e sorvete, e gostava de jogar videogames. Era, como se pode dizer, um beato moderno. Possuía virtudes admiráveis sem jamais deixar de ser um adolescente normal.

Carlo era devoto confesso da Virgem Maria, e, dentre suas ações mais significativas dentro da Igreja, está sua dedicação incansável ao catecismo virtual que resultou na criação de redes on-line aptas a conectar mais de dez mil paróquias da Itália. Diz-se que, de fato, possuía conhecimentos sobre computação acima da média para rapazes de sua idade e que sempre os utilizava para servir aos outros e ajudar sua comunidade e amigos.

“É verdade que o mundo digital pode expô-lo ao risco do retraimento, do isolamento ou do prazer vazio. Mas não podemos esquecer que neste ambiente há jovens que também são criativos e, às vezes, brilhantes”, escreveu o papa Francisco, dando o exemplo Carlo Acutis.

Que esse primeiro passo dado na escada da santidade, divulgue ainda mais o exemplo que Carlo Acutis deixou em vida e permita que ele inspire muitos jovens e adolescentes a viverem suas vidas como ele mesmo se dedicou a viver, sem desperdiçar sequer um dia em propósitos que não sejam aqueles de Deus.

## EM TEMPOS DE ASSEMBLEIAS

### ***Ephata!* Sair porta a fora... Ir para... Encontrar**

*Ir. Bernadete Pinho*

Tempo de Assembleias! O ano de 2019 convidou-nos a refletir sobre o ***Ephata*** a partir de cada Comunidade, nas Assembleias Domésticas. Algumas Irmãs trabalharam sobre as diversas contribuições enviadas à Província e elaboraram o Documento de Síntese das Assembleias Domésticas, para ser trabalhado pelos membros da Assembleia Provincial.



Sair porta a fora...  
Ir para... Encontrar.

E chegamos a 2020! Programada inicialmente para julho, a Assembleia Provincial necessitou ser transferida para o período de 14 a 21 de outubro, devido à pandemia. Para agilizar os trabalhos da Assembleia Provincial e envolver as Irmãs em suas Comunidades, as Irmãs foram convidadas a estudar e responder aos Documentos de Trabalho da Assembleia Provincial em suas Comunidades. As ricas respostas foram compartilhadas e votadas em encontros virtuais que ocorreram por Regionais no mês de agosto. As respostas dos Regionais se constituíram em uma nova Síntese



proposta como base para os trabalhos na Assembleia Provincial.

A Assembleia Provincial foi cercada de muitos protocolos, medidas de segurança essenciais em tempos de pandemia. Foi pensada com muito carinho e cuidado para que as Irmãs se sentissem em casa, seguras e estimuladas a darem o melhor de si com vistas a propor caminhos rumo ao ***Ephata!***



Antes de iniciarem os trabalhos, as Irmãs puderam viver um dia de deserto. Para nos ajudar a rezar, Francisco Orofino nos brindou uma Lectio Divina do texto do ***Ephata*** (Mc 7, 31-37) integrada ao livro do Deuteronômio. Uma exposição muito questionadora.



Na Missa de Abertura, as Irmãs foram motivadas a se colocarem em uma atitude de escuta e disponibilidade, abrindo o coração e acolhendo os toques de Deus neste tempo forte de Assembleia. Foram chamadas a **SAIR PORTA AFORA... IR PARA... ENCONTRAR...** e discernir juntas, como Companhia, como Província, como Filha da Caridade, o novo **EPHATA** que o Senhor as chama a experimentar. Na procissão de entrada, Ir. Maria Cristina D'Abruzzo, Visitadora, conduziu a vela simbolizando a luz de Deus. Em sua homilia, Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial, refletindo o

Evangelho (Mc 7, 31-34) comparou a vida das pessoas consagradas à vida de Jesus, no sentido da itinerância em função da missão a elas confiada e, ao finalizar, pediu que o Espírito Santo do Pai e do Filho iluminasse e conduzisse a Assembleia Provincial. Na ação de graças, Ir. Maria da Penha Andreon, Assistente Provincial, conduziu ao presbitério a imagem de Nossa Senhora das Graças, recordando que a Companhia é marcada pelos cuidados de Maria, em todos os tempos e em todas as partes.



A Assembleia teve lugar no auditório da Cúria Provincial. Na cerimônia de Abertura, Ir. Maria Cristina D'Abruzzo, Visitadora, presidente da Assembleia, convidou todos a invocarem o Espírito Santo, cantando o *Veni Creator*. Foi um bonito momento celebrativo.

A seguir, Ir. Cristina acolheu os participantes com alegria e afeto, com a seguinte mensagem:

### **MENSAGEM DE ABERTURA DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL**

*“Entraram no Cenáculo, onde costumavam hospedar-se.*

*Aí estavam os Apóstolos e Maria, Mãe de Jesus.” (At 1, 13)*



*É com muita alegria, depois de um tempo bem exigente de isolamento social, que desejo-lhes, em meu nome e em nome das Conselheiras e do Padre Diretor, as boas vindas.*

*Tenham certeza de que tudo foi preparado com muito carinho, a casa, a liturgia, os espaços... tudo para que nós possamos aproveitar plenamente desses dias.*

*O Senhor nos oferece um novo tempo de graça a ser partilhado entre nós, acompanhadas pelo Espírito.*

*As Assembleias são um instrumento a serviço da ação transformadora do Espírito Santo. Isto exige de nós atitudes de conversão, de oração, de diálogo e abertura, de participação, de respeito e de liberdade.*

*É preciso considerar as Assembleias como a passagem de Deus, como um tempo de graça que comunica a esperança, que reanima e fortalece a Companhia. Sem essas atitudes, as Assembleias reduzem-se a uma série de atos e de formalidades que devem ser cumpridas.*

*“Promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica” (C. 84a) significa discernir os aspectos da vida e da vocação das Filhas da Caridade sobre as quais devemos insistir que se deve revitalizar, levando em conta os apelos da Igreja, as necessidades dos pobres e da Companhia. Tudo deve ser feito a partir do Evangelho e do espírito de nossos Fundadores.*

*O momento em que vocês começaram a chegar, começamos a desfrutar do encontro, do relacionamento humano entre nós, algo que a tecnologia moderna dificilmente substituirá, pois o encontro pessoal dispõe de meios insubstituíveis de comunicação: a palavra, o gesto, a expressão, as reações, a compreensão mútua, o afeto, a consciência de nossa pertença à Companhia, vão nos ajudar a enfrentar com serenidade, entusiasmo e alegria a realização de nossa Assembleia Provincial.*

*Façamos todo possível para viver este tempo numa verdadeira fraternidade, que não contradiz a verdade nem a liberdade de expressar o que o Espírito Santo inspirará a cada uma.*

*Que esta Assembleia seja um lugar para esclarecimentos, para o discernimento das diversas opiniões e proposições, buscando sempre o melhor para a Companhia, para Província, para os Pobres, e assim respondermos ao **Ephata! Sair porta afora... Ir para... Encontrar** com criatividade e audácia.*

*Vivamos este novo Pentecostes!*

*Coloquemos esta Assembleia Provincial nas mãos de Maria, única Mãe da Companhia. Peçamos-lhe que nos acompanhe e permaneça atenta para solicitar a Jesus, como em Caná, que nos conceda em todos os momentos da Assembleia, aquilo que nos “falta” para viver de uma maneira mais autêntica o nosso carisma nas diferentes realidades onde servimos os nossos senhores e mestres.*

*Abençoada Assembleia para todos nós!*





Os trabalhos da Assembleia decorreram de forma tranquila, respeitosa, fraterna e ágil! As partilhas foram enriquecedoras e em clima de fraternidade.

Houve muitos trabalhos de bastidores antes e durante a Assembleia... As equipas de higienização e manutenção trabalharam intensamente para que tudo funcionasse em um ambiente agradável e seguro. Destaque também para a TI, viabilizando as projeções, o som e até as fotos!

A Equipe da Cozinha se empenhou para nos proporcionar alimentação saudável e saborosa.



A Equipe de Ornamentação cuidou de cada detalhe: banner, flores, toalhas, tudo muito bonito!

A Equipe de Liturgia proporcionou à Assembleia ricos momentos de oração, onde a criatividade se fez sentido, questionamento e inspiração para os trabalhos. Nas Celebrações Eucarísticas, marcadas pela simplicidade, o Pe.





Vandeir levava as Irmãs refletirem as leituras do dia, com um olhar vicentino.

No encerramento da Assembleia Provincial, Ir. Maria Cristina D'Abruzzo deixou a seguinte mensagem:

## **ENCERRAMENTO DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL**

### **Palavra da Visitadora**

*“Em tudo dai graças!” (1Ts 5, 18)*

*Chegamos ao final de nossa Assembleia Provincial. Momento muito especial! Passagem de Deus na nossa história, deste Deus que revigora as nossas vidas, nos ajuda a construir novos caminhos para a vivência concreta do **Ephata! Sair porta afora... Ir para... Encontrar.***

*Tenho certeza de que as sessões plenárias, a escuta mútua, a relexão comum, as divergências de opiniões, as discussões, a partilha de ideias, tudo foi ocasião para revigorar e fortalecer nossa fidelidade ao Carisma de nossos Fundadores que nos interpela a uma conversão constante.*



*Somos chamadas e escolhidas por Deus para uma missão junto aos Pobres. A Companhia é obra d'Ele, precisamos retomar esse caminho de fidelidade com audácia e criatividade.*

*Durante esses dias e em todos os nossos trabalhos, fomos iluminadas com as luzes do Espírito Santo, pois temos a certeza de que uma Assembleia é uma profunda experiência de Deus.*

*Agradeço a participação e a colaboração de cada uma. Tudo aconteceu com muita seriedade e espírito de fé.*

*Percebi claramente a alegria de nos encontrarmos após tantos meses de isolamento social.*

*Expresso também minha profunda gratidão ao Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, às Conselheiras e Secretária Provincial que não mediram esforços para que tudo fosse realizado da melhor maneira possível.*

*Às Irmãs secretárias da Assembleia: Ir. Adriana de Souza Viana, Ir. Jeane Aparecida Gonçalves Pereira, Ir. Sandilene Maria de Sousa Bocafoli e Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo; às Irmãs coordenadoras e secretárias dos grupos de trabalho, escrutinadoras, cronometrista e também às Irmãs que ficaram nas Comunidades sustentando a missão e que se fizeram presentes pelas suas orações e mensagens.*

*As Irmãs da Equipe de Liturgia, dos cantos, ornamentação, secretaria técnica e serviços de apoio. As Irmãs da Casa Provincial, funcionários da limpeza, da manutenção, da TI e dos diversos serviços que se dedicaram para que não nos faltasse nada durante estes dias. Um agradecimento especial às Irmãs da Casa Rosalie Rendu, em especial a Ir. Neusa Maria da Silva, Irmã Servente, que souberam reorganizar espaços e horários para atender às necessidades da Assembleia; e a Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo, pelo exaustivo trabalho do Economato, em suas várias frentes, e que muito tem ajudado a Província.*

*Que Deus abençoe e recompense a todos por todo carinho e dedicação.*

*A exemplo de Maria, cultivemos um olhar atento e solidário diante da nossa realidade pessoal, fraterna e comunitária.*

*Vivamos o Ephata! Sair porta a fora... Ir para... Encontrar com audácia e ousadia, sejamos sinais de esperança que geram uma cultura do bem-viver, da solidadriedade e da paz. Continuemos com confiança doando as nossas vidas na promoção de outras tantas vidas que são sufocadas pela injustiça e pela falta de amor. Coragem, minhas Irmãs! “Amemos a Deus com a força de nossos braços e o suor de nosso rosto”.*

*Termino com as palavras de nossa querida Superiora Geral Ir. Kathleen Appler:*

*“...ousar viver de maneira simples e radical,  
ousar viver unidas em comunhão,  
ousar viver a compaixão de Jesus  
será a luz que iluminará nosso caminho, extinguirá a escuridão  
e reduzirá as sombras que ameaçam nos impedir de avançar.  
Acredito que nossa autêntica vida como servas dos pobres  
favorecerá o surgimento de algo novo e audacioso.  
Ousemos viver plenamente a riqueza da  
universalidade do nosso carisma,  
encontrando Cristo nos pobres e os pobres em Cristo!”  
(Ir. Kathleen Appler, 12. 06.2015)*

*Encerrando a nossa X Assembleia Provincial do Rio de Janeiro cantemos o MAGNIFICAT!”*



Ao finalizar a Assembleia, as Irmãs agradeceram a Ir. Maria Cristina D'Abruzzo e Conselho Provincial por todo empenho na preparação e condução deste momento de graça. Foi um momento de muita emoção.

Para culminar este tempo de graça, foi oferecido o Retiro Anual, pregado pelo Padre Vandeir. Assim, todas tiveram a oportunidade de aprofundar os caminhos que precisam ser percorridos rumo ao **Ephata!** Por tudo dai graças!



A Assembleia Geral está programada para o período de 29 de outubro a 21 de novembro de 2021, precedida pelo Retiro da Assembleia, de 19 a 27 de outubro. Intensifiquemos nossas orações para que tudo aconteça para maior glória de Deus, de acordo com Sua vontade!

***Ephata!*** diz o Senhor para nós! ***Ephata!***



**EPHATA !**

Sair porta afora...  
Ir para... Encontrar.



## COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

### **ESTÁGIO APOSTÓLICO: TEMPO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA DE ORAÇÃO, VIDA FRATERNA E MISSÃO COMO FILHA DA CARIDADE**

*“É preciso pedir com frequência a Nosso Senhor, pois Ele é o autor desta obra, conceder às pessoas que entrarão na Companhia, o espírito que Ele quer que todas tenham, para assim continuar o bem começado.” (SV, X,117)*

Durante o Seminário, a formação nos proporciona um período de 45 dias de Estágio Apostólico, que tem por objetivo nos inserir na vida fraterna, na vida de oração e na missão da comunidade local que nos acolhe. Isto nos possibilita o confronto com tudo aquilo que já foi experimentado ao longo do Seminário.

Portanto, no dia 31 de agosto de 2020 iniciei o Estágio na Casa Rosalie Rendu. Para mim, de início, foi tudo muito novo, pois não tinha tido nenhum contato com idosos. Fui bem acolhida pela Comunidade, com muita alegria e abertura para receber uma Irmã do Seminário. Com o passar dos dias, tive a graça de conhecer cada uma das Irmãs e os seus jeitinhos. As suas histórias de vida como Filhas da Caridade me tocaram porque foram mulheres que se doaram muito pela Província e pela Companhia.

Nesse período eu percebi o quanto essas Irmãs são de oração. Em um momento de partilha do retiro, uma Irmã de 90 anos disse que *“pedia a Deus para que fosse fiel aos seus votos e continuasse com a simplicidade para com os Pobres”*. Isso me ajudou a refletir sobre a minha vocação e esse amor pelos Pobres: até que ponto estou aberta para acolher as necessidades do meu próximo?

A resposta veio com o passar dos dias em cada cuidado que fui tendo com as Irmãs, em uma simples brincadeira, um banho, comida, no estar junto com elas na oração, pude perceber a

gratidão que elas têm por cada um que as ajuda. A Fé em Deus que elas têm é contagiante e lindo de vivenciar.

Mesmo com todos os problemas de saúde, essas Irmãs vivem com alegria, unidas na vida fraterna, uma sempre preocupada com a outra, se está precisando de algo. Isso é lindo, pois é isso que São Vicente fala em suas Conferências: *“que devemos tratar as Irmãs com cordialidade”*.

Também nesse Estágio, estive no Projeto do Centro de Atendimento aos Refugiados: gratidão a Irmã Rizomar Bonfim Figueiredo que me acompanhou. No contato com os refugiados, percebi que é uma realidade muito diferente do que eu imaginava. Eles enfrentam muitos desafios por estarem vindo de outro país. E isso me fez refletir que devo deixar de reclamar de muitas coisas... O Projeto os ajuda a terem um pouco de dignidade e serem respeitados e valorizados.

Também conheci o Projeto Promove Sepetiba. Agradeço às Irmãs da Missão Catarina Labouré que me acolheram, apresentando todo o seu projeto de trabalho. Realmente é o que nossos Fundadores sempre pediram: devemos ter uma obra de acordo com a necessidade do momento e, hoje, a necessidade é a inserção no mercado de trabalho. E, para isso, são oferecidos cursos profissionalizantes.



Nesses 45 dias, tive muitas alegrias e crescimento como pessoa e, principalmente, como Filha da Caridade. Agradeço a Ir. Maria Cristina D’Abruzzo e seu Conselho, a Casa Rosalie Rendu e a Ir. Neusa Maria da Silva, pela abertura e carinho comigo, pois com toda a sua simplicidade ela fez com que eu me sentisse em casa, me dando uma grande abertura para a missão.

## **SEMINÁRIO - TEMPO DE VIVENCIAR A GRAÇA DE DEUS**

*Irmã Vanessa Oliveira Rosa, FC*

*“O seminário permite à Filha da Caridade intensificar sua vida teologal, integrar os valores do serviço, do dom total a Deus e da vida comunitária, e de se iniciar na prática dos conselhos evangélicos num ‘estado de caridade’”. (C.56)*

Cheguei ao Seminário Catarina Labouré (Curitiba/PR) no dia 25 de maio de 2019. Era uma etapa muito nova para mim, que estava vindo de outra Província para ingressar em um Seminário Interprovincial. Fui bem acolhida na Província de Curitiba, foi uma experiência muito importante para mim. O Seminário acolhe Irmãs das Províncias de Curitiba, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Neste momento, temos Irmãs da Província de Curitiba e do Rio de Janeiro.

É muito bom, e uma graça, estar em outra cultura. Aprendi muito e também pude passar algo da minha cultura para as outras Irmãs. Aprendi a respeitar o jeito de ser de cada uma. Às vezes não entendia o que queriam dizer, mas, aos poucos, fomos nos entendendo, nos abrindo e isso se tornou amadurecimento.

A formação foi muito boa. Tivemos aulas de História da Igreja, História da Companhia, Bíblia, entre outras, estudos sobre a Companhia e aprofundamento em São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac.

Foram proporcionados momentos de silêncio, interiorização e uma intimidade maior com Deus. Tive a oportunidade de trabalhar

o meu humano, compreendendo melhor muitas coisas de minha vida, o que me ajudou a melhor viver a vida comunitária.

Tivemos estágio semanal. Eu fiz o estágio semanal em Almirante Tamandaré. É uma Comunidade de Irmãs de inserção. Elas visitam as famílias e as ajudam em suas necessidades. Além disso, há o projeto com crianças acima de 6 anos, no contra turno. Lá, eu pude ter a experiência do contato com o Pobre.

Sou muito grata à Província de Curitiba pelo acolhimento, ajuda, incentivo e presença fraterna, assim como à Província do Rio de Janeiro, pela confiança em mim depositada, orações e alegria pela minha caminhada. Nunca mediram esforços para me apoiar nessa etapa.

Fomos surpreendidas com a pandemia. Nossas aulas que eram presenciais se tornaram on-line, e algumas formações não teriam ocorrido se não fossem on-line, devido à disponibilidade de tempo de alguns assessores.

Hoje realmente posso dizer que o Seminário é o tempo de formar o coração de uma Filha da Caridade. Aqui aprendemos os valores vicentinos, o nosso Carisma, a vida comunitária, a vida de oração e a missão. Não ficamos apenas na teoria, temos a prática também.

Agradeço a todos que nesse período rezaram por mim e pelas Irmãs do Seminário. As orações de vocês nos sustentam na caminhada.

### FESTA DE SÃO VICENTE DE PAULO



*São Vicente esteve presente  
no CEI Vicentino São José  
São João de Meriti/RJ*

*Fernanda dos Santos Bonella Ramos  
Pastoralista do Colégio Vicentino São  
José, em Vila Velha/ES  
Ana Flavia Souza Ramos de Siqueira  
Pastoralista do Colégio Vicentino Santa  
Luísa de Marillac,  
em Taubaté/SP*

*“É agora que se faz necessário  
demonstrar que temos confiança em Deus.”  
(SV III,13)*

O mês de setembro é um mês muito importante para todos que fazem parte da Rede Vicentina de Educação, por isso, mesmo neste tempo tão desafiador, trabalhamos com ações concretas, mas à distância. Ao mesmo tempo, sentimos que foi um momento em que estivemos perto uns dos outros através das redes sociais, em uma *Live*, uma reunião de trabalho, aulas on-line e várias ações para amenizar a distância causada por essa pandemia.

No Mês da Bíblia, ouvimos com mais atenção as palavras do Evangelho e refletimos sobre tudo o que estamos passando. Foram momentos de fortalecimento para vivermos com mais esperança e valorizarmos mais a vida.

Todas as instituições de educação da Província do Rio de Janeiro celebraram, no dia 27 de setembro, a festa de São Vicente de Paulo. Em fidelidade às suas inspirações, foram realizadas diversas ações concretas tais como: orações diárias com reflexões sobre os

Carisma Vicentino; a novena e a Missa em honra a São Vicente de Paulo; cartinhas com mensagens de gratidão para as Irmãs idosas e aos idosos de algumas instituições de longa permanência mantidas pelas Filhas da Caridade.

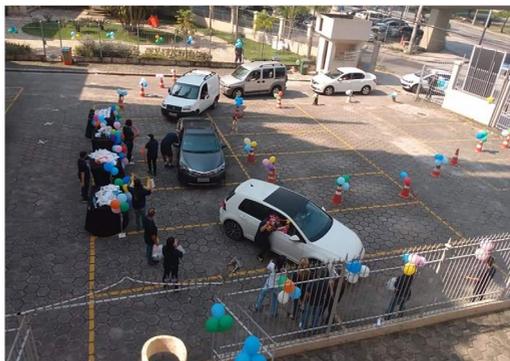
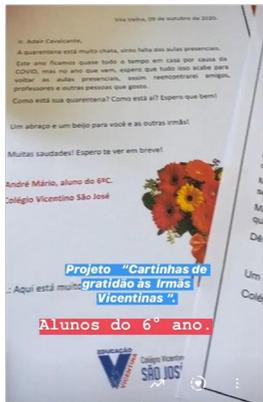
Neste ano foi preciso reinventar a nossa prática pedagógico-pastoral, aprender muitas coisas em tão pouco tempo e, principalmente, ensinar aos alunos que, mesmo à distância, podemos praticar o amor aos mais necessitados. Um exemplo desta criatividade motivada pelo amor e cuidado com os mais pobres foram o “Drive-thru Solidário” e a “Gincana Vicentina” on-line. Foram duas grandes mobilizações para mostrar à Comunidade Educativa e à sociedade que podemos vencer juntos esse momento tão difícil para todos. Várias famílias e instituições foram beneficiadas com alimentos, produtos de higiene e de limpeza.



Pedimos a São Vicente, muita proteção e bênçãos a todos que fazem parte da Família Vicentina.

*“Não é preciso que as dificuldades nos causem medo.” (SV XII,83).*





## ENVIO EM MISSÃO

No dia 28 de novembro, em Curitiba/PR, ocorreu o Envio em Missão de Ir. Vanessa Oliveira Rosa para a Casa da Criança D. Antônio José dos Santos - Assis/SP. Na ocasião, estiveram presentes Ir. Maria Cristina D'Abruzzo e Ir. Francisca Ribeiro Rodrigues, Irmã Servente da Comunidade que acolheu Ir. Vanessa. A celebração foi marcada pela simplicidade e alegria. Na ocasião, Ir. Maria Cristina leu a seguinte mensagem de agradecimento à Província de Curitiba.

*“A Comunidade... Eu a amo”*

*Neste dia em que celebramos a festa de Santa Catarina Labouré, a Santa do silêncio, que falou muito mais através de suas atitudes e ações do que com palavras, venho expressar em nome da Província do Rio de Janeiro, toda a nossa gratidão por esse tempo de graça e crescimento na vida das Irmãs do Seminário, em especial da Ir. Vanessa, vividos aqui na Província de Curitiba.*

*Há um tempo para tudo...*

*Tempo de preparar...*

*Tempo de cultivar...*

*Tempo de plantar...*

*Tempo de colher...*

*Tempo de silenciar, abrir o coração, acolher e pôr-se a caminho.*

*Tempo, acima de tudo de agradecer à Província de Curitiba, na pessoa de Ir. Dirce Edi Kottwitz e seu Conselho, a Ir. Neriuzza Franco e Ir. Elidia Roberto dos*

*Santos, pelo acolhimento, por toda dedicação, horas de escuta, pelo acompanhamento, pelas orações, por todos os gestos de carinho e pertença à Companhia.*



*Tenho certeza de que os alicerces da vocação da Filha da Caridade foram bem solidificados e que tudo jamais será esquecido.*

*Deus lhes pague por tudo!*

*Que Maria, a única Mãe da Companhia, continue derramando suas graças e bênçãos sobre a Província e cada Irmã em particular.*

*Bendito seja Deus, agora e sempre. Amém!*



## **FESTA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS DA MEDALHA MILAGROSA DE 2020**

*Ir. Adenilde Francisca de Macedo*

Em tempo de pandemia, em que tudo foi modificado pela imposição de protocolos de distanciamento social, com o uso de máscaras, álcool gel ou 70, nós ficamos inseguras de como preparar a festa de Maria, pois o Santuário reúne milhares de pessoas devotas. Escutamos e atendemos a orientação do Conselho e do Diretor provincial. Então, nos reunimos de forma virtual com os representantes das pastorais do Santuário e algumas Irmãs para pensarmos um novo jeito de celebrar tão importante festa.

Decidimos que o tema deste ano seria o chamado de Maria à oração, com a catequese da própria Medalha. Então, escolhemos o tema: “Vinde aos pés desse Altar! Aqui as graças serão concedidas a todos aqueles que as pedirem com fé e confiança”!

Preparamos uma novena acrescentando comentários, cânticos, Palavra de Deus, homilia, orações, preces e bênção final. Uma novena com uma estrutura de celebração da Palavra. Optamos por não ter missas e alteramos os horários de costume para evitar

aglomeração de pessoas. Então, a Novena aconteceu no horário da Misericórdia, isto é, às três horas da tarde. Mesmo com todas as restrições, e sem divulgação ou convites, todos os dias contávamos com cerca de 50 pessoas. Além disso, a Novena foi transmitida pelo Youtube.

Desenvolvemos os seguintes subtemas: 1. “A mulher e a Serpente”; 2. “A mulher coroada de estrelas”; 3 “A invocação da Medalha: Ó Maria concebida sem pecado”; 4. “Os braços estendidos e as mãos abertas de Maria”; 5. “Os Raios da Medalha”; 6. “O ‘M’ da Medalha e o travessão ao pé da Cruz”; 7. “Os dois Corações da Medalha”; 8. “As doze estrelas do reverso da Medalha”; 9.” A Cruz da Medalha”.

Vale ressaltar que, mesmo não havendo missa, todos os dias contávamos com um padre para presidir a Novena. No dia 27, para nossa alegria, Dom José Ubiratan Lopes, OFM Cap, bispo de Itaguaí, veio presidir a única missa, às 8 horas, concelebrada pelo nosso Diretor Provincial, Padre Vandeir Barbosa de Oliveira. Devido à necessidade de mantermos o distanciamento, a missa contou com a presença somente das Irmãs das Comunidades da Casa Provincial e do Hospital São Vicente de Paulo, além de algumas Irmãs da Casa Rosalie Rendu e da Casa Mère Blanchot. Esta missa ocorreu na Capela de Nossa Senhora das Graças. Infelizmente, a transmissão para as redes sociais não ficou tão boa quanto a da Novena.



Bem, e o Santuário, como ficou neste dia da tradicional festa? O Santuário foi aberto às 7h30. Várias pessoas já estavam à porta esperando para entrar. Uma equipe de voluntários trabalhou na acolhida e controle da entrada de pessoas, de acordo com o protocolo imposto pela pandemia. Durante o dia rezávamos o terço, falávamos sobre a história das aparições de Nossa Senhora a Ir. Catarina Labouré, recebíamos as flores ofertadas pelos devotos, atendíamos as pessoas. Dom Ubiratan atendeu confissões das 9h00 às 15h30. A cada meia hora ele vinha dar uma palavra catequética e a bênção às pessoas e objetos religiosos. Às 15h00 rezamos com muita devoção o terço da Misericórdia e outro terço da Virgem Maria. O Santuário ficou sempre cheio de fiéis em oração. Calculo que cerca de 3 mil pessoas vieram ao Santuário durante todo o dia. Entravam, rezavam recebiam a bênção e saíam pelas portas laterais. Não houve venda de lanches. Apenas a Lojinha ficou aberta com uma fila única obedecendo às marcas de distanciamento.



Às 17h00, o Santuário foi fechado, mas até às 19h30, houve peregrinos que chegavam e permaneciam em oração, ainda que do lado de fora.

Por volta de 20h00, com as portas do Santuário fechadas e apenas as luzes do presbitério acesas, Padre Vandeir celebrou uma missa somente para os voluntários que trabalharam ao longo deste dia de Festa.

Agradecemos a Nossa Mãe querida por nos ter proporcionado esta oportunidade de celebrar sua festa. “Ó Maria Concebida Sem Pecado, Rogai por nós que recorremos a Vós”.

## NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

*“Vinde benditos de meu Pai. Recebei como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo.” (Mt 25, 34)*



### **Ir. Maria José Madureira (Ir. Bernadette)**

Ir. Maria José Madureira (Ir. Bernadette) nasceu no dia 13.03.1923 na cidade de Monsanto, em Minas Gerais. Seus pais, Maria Magdalena e Milburgues Madureira da Silva, a levaram à pia batismal no dia 06.05.1923, dando-lhe o nome de Maria José.

Sentindo o chamado do Senhor, fez o Postulado no Colégio Providência e ingressou na Companhia no dia 30.05.1944. Enviada em Missão no dia 23.05.1945, fez os Votos pela primeira vez em 27.09.1949.

Ir. Bernadette era piedosa e esforçava-se por equilibrar vida de oração, vida fraterna e apostólica. Colocava-se na busca de maior entrega ao Senhor na oração e no acolhimento dos acontecimentos de cada dia. Buscava estar presente junto à Comunidade. Com muito zelo e disponibilidade cuidava da liturgia, catequese das crianças, jovens e adultos, na Paróquia. Trabalhava com muito amor junto aos pobres doentes e idosos.

Ao longo de sua consagração, entregou-se totalmente a Deus no Serviço dos Pobres, nas seguintes Comunidades:

1943 - Colégio Virgem Poderosa - Moinho Velho - São Paulo/SP

1950 - Colégio Luiza de Marillac - Servindo no Ambulatório e Dispensário da Paróquia de Santana - São Paulo/SP

1988 - Creche Nossa Senhora da Salete - São Paulo/SP  
2004 - Lar Nossa Senhora da Consolação - São Paulo/SP  
2006 - Cidade dos Velhinhos Luiza de Marillac - São Paulo/SP  
2018 - Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

Faleceu no Hospital São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 02.09.2020, com 97 anos de idade e 76 anos de vocação.

### **Irmã Maria Brígida Terceiro**

Irmã Maria Brígida Terceiro nasceu em Santa Quitéria/CE, no dia 01 de fevereiro de 1931. Filha de Antônio Terceiro Filho e Joana Claudino Terceiro, foi batizada no dia 08 de abril de 1931.



Respondendo ao chamado do Senhor, fez seu Postulado no Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, em Fortaleza/CE. Ingressou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 26.08.1955. Enviada em missão no dia 21 de novembro de 1956, sua primeira colocação foi na Fundação Romão de Mattos Duarte - Rio de Janeiro/RJ. Fez os Votos pela primeira vez no dia 08 de setembro de 1960.

Ir. Brígida era uma Irmã piedosa e amava sua vocação. Gostava de rezar as Completas e o Rosário. Esforçava-se para superar sua timidez para participar da vida comunitária. Trabalhou com crianças e idosos.

Viveu sua consagração nas seguintes Comunidades:

1956 - Educandário Romão de Mattos Duarte - Rio de Janeiro/RJ

1963 - Vila São Vicente de Paulo - Araguari/MG

1967 - Província do Norte (Fortaleza)

1970 - Clínica de Recuperação Infantil (Jacarepaguá)  
Rio de Janeiro/RJ

1974 - Colégio São José - Vila Velha/ES

- 1976 - Sanatório Infantil São Miguel (Nogueira) - Petrópolis/RJ  
1987 - Dispensário Santa Luísa de Marillac - Niterói/RJ  
1988 - Instituto São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ  
1988 - Comunidade Sagrada Família - Alegre/ES  
2005 - Lar Nossa Senhora da Consolação - São Paulo/SP  
2005 - Comunidade Luísa de Marillac - Bom Jardim/RJ  
2006 - Centro Social Sagrada Família- Alegre/ES  
2007 - Casa do Ancião Luiza da Marillac - Taubaté/SP  
2009 - Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ  
2010 - Obra de Assistência Social Roberto Ugolini  
Santa Branca/SP  
2012 - Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ

Irmã Brígida encerrou sua missão aqui na terra no dia 03.09.2020, com 89 anos de idade e 65 anos de Vocação. Descanse em paz, querida Irmã, e interceda junto a Deus pela Companhia, por suas Irmãs e pelos pobres, pelas vocações e por seus familiares. Amém!

### **Ir. Dolores de Holanda Cavalcanti (Ir. Ângela)**

Ir. Ângela nasceu no dia 17 de abril de 1919, em São Lourenço/Pernambuco, filha do casal Antônio e Maria Rosa. Foi batizada em 30.04.1920. Mais tarde, quando Deus a chamou para servi-Lo bem de perto na pessoa dos Pobres, iniciou seu postulado na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro/RJ.



Ingressou no Seminário, tornando-se Filha da Caridade, em 01 de setembro de 1939. Em 27.09.1944 pronunciou seus votos pela primeira vez.

Ir. Ângela, como a conhecemos, fazia da vida espiritual o seu alimento para a vida fraterna e para a missão. Era uma Irmã piedosa, sentia a presença de Deus na oração, nos Sacramentos

e nos exercícios da Comunidade. Buscava sempre a paz, a boa convivência com as Irmãs e com as pessoas em seu dia a dia. Era amável, disponível, sempre pronta para servir. Foi uma professora dedicada. Realizou trabalhos pastorais e de evangelização, catequese e círculos bíblicos. Gostava de visitar os pobres em suas casas. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se à oração, oferecendo a Deus todas as suas dificuldades e buscando crescer sempre mais na paciente aceitação da vontade do Pai.

Ao longo de seus 81 anos de Vocação, Ir. Ângela serviu Jesus Cristo presente nos Pobres, nas seguintes comunidades:

- 1940 - Fundação Romão de Mattos Duarte - Rio de Janeiro/RJ
- 1955 - Hospital Nossa Senhora de Fátima - Dourados/MT (MS)
- 1970 - Paróquia Nossa Senhora de Fátima - Dourados/MT (MS)
- 1977 - Comunidade São Vicente de Paulo  
Ribas do Rio Pardo/ MT
- 1982 - Hospital Central do Exército - Rio de Janeiro/RJ
- 1985 - Centro Comunitário Irmãos Kennedy - Rio de Janeiro/RJ
- 2004 - Cidade dos Velinhos - Rio de Janeiro/RJ
- 2007 - Dispensário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- 2009 - Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ
- 2009 - Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ
- 2009 - Casa dos Pobres São Vicente de Paulo  
Nova Friburgo/RJ

Ir. Ângela partiu para a Casa do Pai no dia 10.09.2020, aos 101 anos de idade e 81 anos de vocação, deixando-nos seu testemunho de uma vida doada aos Pobres. Seja ela para nós mais uma intercessora junto à Trindade Santa.

## **Ir. Maria Cristina Oliveira (Ir. Mariana)**

Ir. Maria Cristina Oliveira (Ir. Mariana) nasceu no dia 15.09.1925 em Quixeramobim - CE. Seus pais, Francisco e Francisca levaram-na ao Batismo no dia 13 de dezembro daquele mesmo ano. Estudou no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza. Fez seu postulado no Dispensário São Vicente de Paulo, em Niterói - RJ. Em 14.11.1948, ingressou no Seminário da Companhia das Filhas da Caridade. Fez os Votos pela primeira vez em 31.05.1954.



Ir. Mariana era piedosa, dedicada à oração, à evangelização e doada aos Pobres. De temperamento forte, esforçava-se para viver bem em comunidade, pedindo e oferecendo perdão. Apesar de sua saúde frágil, não abria mão de servir os pobres, sempre procurando atendê-los da melhor forma. Sentia-se realizada em sua vocação.

Ao longo de seus 71 anos de vida consagrada, serviu Jesus Cristo na pessoa dos Pobres nas seguintes Comunidades:

1950 - Hospital Getúlio Vargas - Teresina/PI

1952 - Sanatório Infantil São Miguel (Nogueira) - Petrópolis/RJ

1953 - Hospital do Pronto Socorro - Porto Alegre/RS

1959 - Hospital Nossa Senhora das Dores (Casadoura)  
Rio de Janeiro/RJ

1980 - Sanatório Infantil São Miguel (Nogueira) - Petrópolis/RJ

1984 - Casa dos Pobres São Vicente de Paulo - Nova Friburgo/RJ

2008 - Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

2012 - Casa dos Pobres São Vicente de Paulo  
Nova Friburgo/RJ

2020 - Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ

No dia 07.10.2020, com 95 anos de idade e 71 de Vocação, Ir. Mariana retornou para a casa do Pai, onde certamente os Pobres a receberam de braços abertos.

## **Irmã Therezinha Menks**

Ir. Therezinha Menks nasceu em Oscar Bressane/SP, em 29.08.1929, filha de Deolindo Menks e Maria Silvéria Menks. Foi batizada no dia 13 de dezembro daquele mesmo ano. Sentindo-se chamada por Deus, ingressou no Postulado em 1948, em Assis/SP. Iniciou o Seminário da Companhia das Filhas da Caridade em 04.12.1948, sendo enviada em 21.02.1950 ao Orfanato São Vicente de Paulo, em Recife/PE.



Ir. Therezinha era uma Irmã piedosa, trabalhava na sua conversão. Buscava sempre mais estar unida a Jesus, especialmente através da Eucaristia. Esforçava-se por crescer na vivência da fraternidade na convivência com as Irmãs. Alegre, doada, responsável no serviço dos Pobres, foi professora e catequista. Cuidava da capela com zelo.

Ao longo de sua vida como Filha da Caridade, Ir. Therezinha serviu os Pobres nas seguintes Comunidades:

1950 - Orfanato São Vicente de Paulo - Recife/PE

1954 - Escola Normal São Vicente de Paulo - Joinville/SC

1958 - Centro de Assistência Social São Vicente de Paulo  
São Paulo/SP

1975 - Colégio Santa Isabel - Petrópolis/RJ

No 30.11.2020, no Colégio Santa Isabel - Petrópolis/RJ, com 91 anos de idade e 71 anos de Vocação, o Senhor a chamou para contemplá-Lo face a face.

Que Irmã Therezinha descanse em paz e interceda junto a Deus pela Companhia, pelos pobres, pelas vocações e pelos seus familiares. Amém!



## HOMENAGEM...

**Fica a lembrança do seu sorriso,** do seu perfume de mãe, do ombro da amiga, da escuta da confidente, do abraço que acolhe e envolve num amor infinito...

Você é tão especial que o Pai te concedeu o direito de escolher o local da partida. Com certeza por todos os direitos que conquistou de doação e acolhida.

Minha florzinha despediu-se da vida terrena em meio a suas plantas e carregando nas mãos a terra onde tanto semeou. Ao longo da sua vida religiosa, foram muitas pessoas que passaram pelo “trato” amoroso e foram tocadas por sua ternura. Amava todos, e por todos era amada.

Durante 26 anos, eu a vi todos os dias com a mesma expressão de ternura. Você ficou na minha história, na minha vida e nas minhas melhores lembranças.

Michel de Montaigne, ao ser questionado sobre o porquê de sua mais que imensa e eterna amizade por outro humanista e filósofo francês, Étienne de La Boétie, disse apenas que gostava dele e ponto. Anos mais tarde, fez mais um acréscimo à frase, completando-a definitivamente: “... porque era ele, porque era eu”.

Então é assim: “... porque era ela, porque era eu”.

Lílian Pinto  
Coordenadora pedagógica do Colégio do Colégio Santa Isabel

## ENTRE FLORES

A simplicidade revela a face da humildade. Quem carrega consigo tais virtudes sabe o valor da vida, por isso planta as sementes do amor nesta travessia. A discrição tem



a sabedoria de não alimentar vaidades. O despojamento dos bens materiais expõe a riqueza do ser, por isso que a caridade é um movimento de dentro para fora. Servir é uma opção do viver fundamentada nos ensinamentos de Cristo.

É indiscutível, a importância da água em nosso planeta. Apesar de ser imprescindível, a sua composição é simples: dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. Insípida, inodora, incolor, mas indispensável à existência na Terra. O ar que respiramos também é assim, insípido, incolor, inodoro; porém um minuto sem ele sufoca. Temos que aprender a enxergar a vida pela essência. O Bem é discreto, mas não imperceptível, faz a diferença sem alarde. Os mansos que herdarão a Terra são despojados, sabem que a pobreza torna-se riqueza aos olhos de Deus, quando há partilha do pão. É também preciso compartilhar a fé. E assim, disseminar o amor.

A Irmã Therezinha Menks tinha este carisma: acolher as crianças prioritariamente. A linguagem do carinho ficava explícita na reciprocidade do abraço afetuoso: “Ô Irmã!” era uma invocação cheia de graça. Corriam para o abraço acolhedor. Essa afinidade com as crianças ampliava-se pela presença das flores.

Em Petrópolis, nas manhãs de domingo, por longos anos, vi, nas missas das 9h30, na Capela do Colégio Santa Isabel, a procissão das ofertas formada por crianças carregando flores para o altar, seguindo o pão e o vinho que iriam se transformar em Corpo e Sangue de Cristo. A simplicidade desse gesto marcava a presença da inocência infantil na Celebração da Eucaristia. Ao final da missa, as crianças iam se despedir dela. Esse abraço dominical da

Irmã Therezinha, com certeza, está na memória de muitos jovens e adultos, pois ela, por 45 anos, serviu à comunidade petropolitana nessa instituição de ensino vicentina.

Confesso que não resisti, depois das crianças, ia lá, no último banco, cumprimentá-la: “Boa semana! Que Deus abençoe o seu trabalho! Vá com Deus...”

Aquele “boa semana”, para mim, era uma outra bênção. Com o passar do tempo, a nossa amizade foi se consolidando, ganhei uma leitora assídua dos artigos publicados, aos domingos, em um jornal da cidade. “Gostei do que o senhor escreveu...”

Os nossos diálogos nunca foram longos, sempre em torno de poucos minutos, mas por muitos anos. Em período muito difícil da minha vida, quando podia, ia também às missas das 18h10, durante a semana, em busca de um silêncio maior para conversar com Deus. Em um desses dias, fui com a minha esposa. Chegamos um pouco mais cedo e fomos cumprimentá-la. A minha esposa falou: “Hoje é o aniversário dele”. Nesse dia, ela me levou para receber a comunhão das mãos do saudoso amigo Monsenhor Paulo Daher no altar. Foi um presente inesperado.

Em certos momentos, Deus se faz presente por intermédio das pessoas que O amam. Precisamos estar com o coração aberto para que a vontade do Senhor prevaleça, mas não a nossa.

A partida dessa querida Irmã para a casa do Pai Eterno, em 30/11/2020, foi simples: ela se dirigiu ao jardim em que cultiva as flores para colocar no altar da capela e lá, foi colhida por Deus. Com 91 anos de idade, 71 anos de serviço vocacional.

Ela nasceu em Oscar Bressane, São Paulo, em 29.08.1929. Ingressou no Seminário da Companhia das Filhas da Caridade em 04.12.1948. Nesta semana, completaria mais um ano de vida consagrada. Veio para Petrópolis em 1975. E aqui criou laços de profundas amizades, plantou suas sementes no coração de várias gerações que tiveram o privilégio de receber dela uma formação religiosa.

O trabalho da Irmã Therezinha Menks sempre será lembrado, não somente pelo que fez, mas como marcou sua passagem por este mundo. Já afirmara São Vicente de Paulo: “A perfeição não consiste na multiplicidade das coisas feitas, mas no fato de serem bem feitas.” Tudo que ela fazia valia a pena ver, porque sua alma não era pequena.

Inegavelmente a saudade permanecerá em nossos corações, porém o bálsamo da certeza da Misericórdia Divina nos traz o conforto de que ela hoje se encontra na Graça de Deus. Eterno é o amor que emana da luz do ser que tem o Supremo Bem como referência máxima, porque Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Venceu a morte por um ato de amor à humanidade.

Ataulpa A.P. Filho

### **Janete Araújo Gomes**

Ir. Janete Araújo Gomes nasceu em Campina Grande, na Paraíba, no dia 23.01.1938. Filha de Josefa Araújo Gomes e Valério Francisco de Araújo, foi batizada em 11.04 daquele mesmo ano. Em sua caminhada vocacional, fez o primeiro Postulado no Educandário da Misericórdia em Botafogo e o segundo Postulado em Laranjeiras, no Rio de Janeiro/RJ.



Iniciou o Seminário na Companhia das Filhas da Caridade em 17.02.1964, sendo enviada em missão em 10.03.1965 para a Casa Provincial. Fez os Votos pela primeira vez em 15.03.1969. Valorizava a vida de oração e a vida sacramental, participando assiduamente da Eucaristia e da Reconciliação. Esforçava-se para manter uma boa convivência fraterna. Prudente, discreta, sempre disponível a ajudar, assumia sua missão com responsabilidade, atuando junto aos colaboradores testemunhando uma verdadeira vida cristã e consagrada.

Ao longo de sua vida de Filha da Caridade, serviu Jesus Cristo nos Pobres nas seguintes Comunidades:

1965 - Casa Provincial - Rio de Janeiro/RJ

1967 - Escola de Enfermagem Luiza de Marillac  
Rio de Janeiro/RJ

1973 - Dispensário da Medalha Milagrosa - Rio de Janeiro/RJ

1980 - Hospital São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ

No dia 01 de dezembro, com 82 de idade e 56 anos de Vocação, voltou para casa do Pai, onde os Pobres a acolheram de braços abertos.

### **Depoimento...**

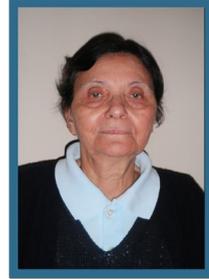
É mesmo um Grande Pesar essa notícia que acabo de receber hoje, quinta-feira às 14h30. Como você sabe o São Vicente de Paulo faz parte da minha história profissional. Irmã Matilde e Irmã Janete eram as freiras com quem mais tive contato e passei a admirá-las, pela pessoa delas e pela profissional que eram. Essa é a vida... lutou mesmo um bom combate, ela foi uma pessoa que pode dizer que viveu, que plantou coisas, que ajudou pessoas e fez coisas para melhorar a vida delas.

Nesse momento estou em casa, pois, desde segunda estou com sintomas que podem ser Covid-19. Fui ao Hospital ontem e fiz o teste. O resultado sai no sábado. Estou aqui repousando, me hidratando bem e monitorando minha saturação e temperatura. É uma pena não poder estar presente, pois colocaria em risco várias pessoas e contra isso ela brigou a vida inteira. Fica a boa memória, a boa lembrança e a mágica sensação que tenho sempre que entro no São Vicente de Paulo. Parece sempre que, no bom sentido, estou voltando uns quase trinta anos no tempo. Lembro onde praticamente tudo começou, porque começou e isso me dá forças e ânimo para continuar... Meus sentimentos a todos os funcionários e amigos do HSVP. Que ela descanse merecidamente em paz.

Sylvio dos Santos Júnior

## **Irmã Maria Severina Filha**

Irmã Maria nasceu em Sítio Volta, Flores, Pernambuco, no dia 31 de agosto de 1944. Filha de Izidoro José de Souza e Maria Severina de Souza, foi batizada no dia 03.09.1944.



Respondendo ao chamado do Senhor, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade entrando no Seminário no dia 20.02.1983. Enviada em missão no dia 10.05.1984, fez os votos pela primeira vez no dia 22.05.1988.

Piedosa, aberta à ação do Espírito Santo e à vivência do espírito vicentino, tinha grande amor à Eucaristia. Valorizava a oração pessoal e comunitária e a meditação como sustentáculos da vocação.

Esforçava-se por superar suas limitações, buscando viver a fraternidade com suas Irmãs, na alegria e na fidelidade.

Sentia-se feliz e realizada no serviço dos Pobres, doando-se com disponibilidade e atenção, assumindo na alegria sua missão.

Dedicou-se inteiramente à missão, servindo Jesus Cristo nos pobres nas seguintes Comunidades por onde passou:

1984 - Educandário Romão de Mattos Duarte - Rio de Janeiro/RJ

1989 - Dispensário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ

1991 - Colégio Virgem Poderosa - São Paulo/SP

2004 - Casa Provincial - Rio de Janeiro/RJ

2005 - Dispensário São Vicente de Paulo - Niterói/RJ

2006 - Creche Nossa Senhora da Salette - São Paulo/SP

2009 - Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP

2015 - Creche Nossa Senhora da Salette - São Paulo/SP

2017 - Cidade dos Velinhos Luiza de Marillac - São Paulo/SP

2017 - Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP

2019 - Colégio Vicentino de Cegos Padre Chico - São Paulo/SP

No dia 20 de dezembro, aos 76 anos de idade e 37 anos de Vocação, o Senhor a chamou para contemplá-lo face a face.

Que Irmã Maria descanse em paz e interceda junto a Deus pela Companhia, pelos pobres, pelas vocações e por seus familiares. Amém!

### **SOLIDARIZANDO COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR**

Ir. Virginia Lage Guerra - irmão

Ir. Ofélia Damaceno - irmã

Ir. Maria de Fátima Lopes de Oliveira - sobrinho

Ir. Adenilde Francisca de Macedo - cunhado

Ir. Josefa Coissi e Ir. Maria Penha Coissi - mãe e tia

Ir. Angela Maria Miranda Magalhães - sobrinha

Ir. Therezinha Menks - irmão

Ir. Geralda Ferreira Garcia - irmão

Ir. Josefa Coissi e Ir. Maria Penha Coissi - mãe

Ir. Ermelinda Luiza Rettondini - Irmã (Ir. Anna Rettondini -  
Província de Curitiba)

Ir. Joselinda Santos - cunhado

Ir. Lúcia Pereira dos Santos - irmão





# FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233  
Telefone: (21) 2563 9450 | [asvp.org.br](http://asvp.org.br)

